



MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 6, n. 12, jul.-dez. 2023



ISSN 2594-5084

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

Ao prof. Cláudio Murilo Leal.....11

EDITORIAL

Crisálidas, segundo tempo.....15

José Américo Miranda

TEXTOS APURADOS

Musa consolatrix.....21

Machado de Assis

Visio.....23

Machado de Assis

Quinze anos.....25

Machado de Assis

Stella.....29

Machado de Assis

Epitáfio do México.....31

Machado de Assis

Polônia.....33

Machado de Assis

Erro.....37

Machado de Assis

Elegia.....39

Machado de Assis

Sinhá.....43

Machado de Assis

Horas vivas.....45

Machado de Assis

Versos a Corina.....47

Machado de Assis

Última folha.....	61
<i>Machado de Assis</i>	

TEXTOS COM APARATO EDITORIAL

Musa consolatrix.....	65
<i>Machado de Assis</i>	

Visio.....	69
<i>Machado de Assis</i>	

Quinze anos.....	73
<i>Machado de Assis</i>	

Stella.....	79
<i>Machado de Assis</i>	

Epitáfio do México.....	83
<i>Machado de Assis</i>	

Polônia.....	87
<i>Machado de Assis</i>	

Erro.....	95
<i>Machado de Assis</i>	

Elegia.....	99
<i>Machado de Assis</i>	

Sinhá.....	105
<i>Machado de Assis</i>	

Horas vivas.....	109
<i>Machado de Assis</i>	

Versos a Corina.....	113
<i>Machado de Assis</i>	

Última folha.....	137
<i>Machado de Assis</i>	

ÍNDICES

Índices atualizados até o v. 6, n.12.....	143
<i>José Américo Miranda</i>	

ABREVIATURAS

Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....	165
<i>José Américo Miranda</i>	

ERRATAS

Erratas.....171
José Américo Miranda

DEDICATÓRIA

AO PROF. CLÁUDIO MURILO LEAL

é dedicado este número da *Machadiana Eletrônica*.

EDITORIAL

CRISÁLIDAS, SEGUNDO TEMPO

Crisálidas foi o primeiro livro de poesias que Machado de Assis publicou – o que ocorreu em 1864. Desde 1854, no entanto, o poeta vinha publicando poesias em periódicos. Quando apareceu seu primeiro livro de versos, o poeta já havia escrito mais de uma centena de poemas – tendo publicado a maior parte dessa produção. Não nos surpreende, pois, que muitas das composições que incluiu no primeiro livro já tivessem sido divulgadas; dos poemas do livro, a peça mais antiga era 1858, o poema “Monte Alverne”, composto e publicado por ocasião da morte do célebre pregador.

A obra trazia 28 poemas do autor e um poema de Faustino Xavier de Novais – “Embirração” – composto em resposta ao poema “Aspiração”, que Machado de Assis lhe dedicara. Havia no livro poemas inéditos, além de alguns já divulgados na imprensa. A obra trazia também um prefácio de Caetano Filgueiras e um posfácio – “Carta ao dr. Caetano Filgueiras” –, além de notas a alguns poemas e uma errata.

Quando organizou suas *Poesias completas*, que foram publicadas em 1901 por H. Garnier, Machado de Assis excluiu de *Crisálidas* dezesseis composições suas, além de um fragmento da terceira parte dos “Versos a Corina” e do poema de Faustino Xavier de Novais – assim como a dedicatória do volume, as notas, o prefácio e o posfácio. Permaneceram no livro apenas doze poemas.

Na forma em que foi publicado em 1864, o livro nunca mais reapareceu. Duas tentativas, entretanto, foram feitas. Em 2000, Oséias Ferraz preparou uma edição da obra, com a intenção de restituí-la à sua forma primeira; entretanto, embora trouxesse todos os textos da primeira edição, houve algumas falhas em sua reconstituição – a edição não era fac-similar. Em 2008, Cláudio Murilo Leal, em *Toda poesia de Machado de Assis*, pretendeu restituir ao livro sua forma original; porém, embora o tenha feito no tocante à ordenação dos poemas no interior do livro, utilizou os textos na forma em que

vinham na edição crítica das *Poesias completas* preparada pela Comissão Machado de Assis (que teve duas edições pela Civilização Brasileira, a primeira em 1976, a segunda em 1977). O texto-base da edição crítica, no caso dos poemas que Machado de Assis conservara no livro, foi o das *Poesias completas*, de 1901. Com isso, Cláudio Murilo Leal reconstituiu a obra *Crisálidas*, tal como era na primeira edição, utilizando os textos da segunda edição. O poeta havia feito algumas pequenas alterações em diversos pontos do livro, e havia, também, suprimido um trecho dos “Versos a Corina”. O resultado foi uma obra que não é a de 1864; falta-lhe, por exemplo, o verso escolhido pelos acadêmicos para ser posto ao pé da estátua do poeta, que fica na entrada na Academia Brasileira de Letras – “Esta a glória que fica, eleva, honra e consola” –, pois o verso se encontra justamente no trecho suprimido da terceira parte dos “Versos a Corina” (que não existe na edição de 1901 e vem numa nota de rodapé na edição crítica de 1976).

Essa ideia de reconstituir o livro conforme a primeira edição, porém com os textos da segunda, já havia sido defendida por Antônio Houaiss – que orientou grande parte das edições críticas da Comissão Machado de Assis e elaborou os critérios nelas adotados –, num prefácio que escreveu para a edição crítica das *Poesias completas*. Esse prefácio não saiu no livro, nem a edição crítica foi feita segundo essa orientação. Na edição crítica, os poemas excluídos pelo autor foram incluídos na obra, logo em seguida ao último poema, sem frontispício divisório, mas com a indicação, posta abaixo do título, entre parênteses, da posição ocupada por cada um deles na primeira edição.

Esses poemas excluídos da obra pelo autor começaram a retornar ao livro (não só os de *Crisálidas*, mas também os de *Falenas* e o único excluído de *Americanas*) – em seção à parte, separados dos outros por um frontispício divisório que dizia “Crisálidas / (Da 1.^a edição)”, na primeira edição das *Poesias completas* publicada pela editora W. M. Jackson. Esta edição trazia uma “Nota dos Editores”, de que transcrevemos dois parágrafos:

Tratando-se, porém, agora, de uma edição completa da obra de Machado de Assis, entendemos que não poderíamos esquecer aquelas poesias outrora refugadas pelo poeta. Por isto vão elas incluídas nos respectivos livros.

Para que o leitor possa, todavia, ter uma ideia do senso crítico do poeta, colocamo-las no fim das respectivas coleções. Destarte, ver-se-á o que foi desprezado pelo autor e aproveitado na presente edição.

A promessa dos editores não foi integralmente cumprida; sete dos poemas excluídos de *Crisálidas* pelo poeta, assim como o fragmento dos “Versos a Corina”, não retornaram ao livro na edição de 1937. Só na edição das *Poesias completas* de 1953 a editora W. M. Jackson incluiu todos os poemas suprimidos do livro pelo autor.

Na série das edições da *Obra completa*, das editoras José Aguilar e Nova Aguilar, o conjunto dos poemas excluídos vem na seção “Poesias coligidas” – separados, portanto, dos livros em que apareceram originalmente.

Na edição de *A poesia completa*, por Rutzkaya Queirós dos Reis, há uma seção específica para os poemas excluídos, intitulada “Primeiras edições” – seção que “reúne os poemas que compuseram a primeira edição dos volumes *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875), excluídos por Machado de Assis de suas *Poesias Completas* (1901).”

Os poemas que Machado de Assis excluiu de *Crisálidas* foram por nós editados e podem ser lidos no v. 3, n. 5, do primeiro semestre de 2020, deste periódico.

Este número da *Machadiana Eletrônica* traz os poemas da obra *Crisálidas*, tal como figuram na forma definitiva que o poeta lhes deu, nas *Poesias completas*, de 1901. A forma do livro, nesta segunda edição, foi alterada pelo autor não apenas com a supressão de mais da metade dos poemas, mas, também, pela reorganização interna dos textos, que não aparecem aí na mesma ordem em que vinham na edição de 1864. Daí o “segundo tempo”, no título deste editorial. Nas *Poesias completas*, o livro *Crisálidas* apareceu em nova conformação, passou a existir numa “segunda” forma – que o próprio poeta lhe deu.

José Américo Miranda
Belo Horizonte, 21 de março de 2023.

TEXTOS APURADOS

MUSA CONSOLATRIX

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono.

Não há, não há contigo,
Nem dor aguda, nem sombrios ermos;
Da tua voz os namorados cantos
Enchem, povoam tudo
De íntima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
Que vales tu, desilusão dos homens?
Tu que podes, ó tempo?
A alma triste do poeta sobrenada
À enchente das angústias,
E, afrontando o rugido da tormenta,
Passa cantando, alcíone divina.

Musa consoladora,
Quando da minha fronte de mancebo
A última ilusão cair, bem como
Folha amarela e seca
Que ao chão atira a viração do outono,
Ah! no teu seio amigo
Acolhe-me, – e haverá minha alma aflita,
Em vez de algumas ilusões que teve,
A paz, o último bem, último e puro!

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 3-4]

Editor: José Américo Miranda

VISIO

Eras pálida. E os cabelos,
Aéreos, soltos novelos,
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meio-cerrados
De volúpia e de ternura
Entre lágrimas luziam...
E os braços entrelaçados,
Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delírio,
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes,
Os teus lábios sequiosos,
Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

Depois... depois a verdade,
A fria realidade,
A solidão, a tristeza;
Daquele sonho desperto,
Olhei... silêncio de morte
Respirava a natureza –
Era a terra, era o deserto,
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:
Tudo aos meus olhos fugira;
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado, →

O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria
Tão outra estás da que eu via
Naquele sonho encantado!
És outra, calma, discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro do olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não vê se a imagem presente
Foi a visão do passado.

Foi, sim, mas visão apenas;
Daquelas visões amenas
Que à mente dos infelizes
Descem vivas e animadas,
Cheias de luz e esperança
E de celestes matizes:
Mas, apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raízes.

Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,
Chorara de agradecida!

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 5-7]

Editor: José Américo Miranda

QUINZE ANOS

Oh! la fleur de l'Éden, pourquoi l'as-tu fanée,
Insouciant enfant, belle Ève aux blonds cheveux?

ALFRED DE MUSSET

Era uma pobre criança...
– Pobre criança, se o eras! –
Entre as quinze primaveras
De sua vida cansada
Nem uma flor de esperança
Abria a medo. Eram rosas
Que a douda da esperdiçada
Tão festivas, tão formosas,
Desfolhava pelo chão.
– Pobre criança, se o eras! –
Os carinhos mal gozados
Eram por todos comprados,
Que os afetos de sua alma
Havia-os levado à feira,
Onde vendera sem pena
Até a ilusão primeira
Do seu doudo coração!

Pouco antes, a candura,
Coas brancas asas abertas,
Em um berço de ventura
A criança acalentava
Na santa paz do Senhor;
Para acordá-la era cedo,
E a pobre ainda dormia
Naquele mudo segredo
Que só abre o seio um dia
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal, acordaste!
Junto do berço passou-te →

A festiva melodia
Da sedução... e acordou-te!
Colhendo as límpidas asas,
O anjo que te velava
Nas mãos trêmulas e frias
Fechou o rosto... chorava!

Tu, na sede dos amores,
Colheste todas as flores
Que nas orlas do caminho
Foste encontrando ao passar;
Por elas, um só espinho
Não te feriu... vás andando...
Corre, criança, até quando
Fores forçada a parar!

Então, desflorada a alma
De tanta ilusão, perdida
Aquele primeira calma
Do teu sono de pureza;
Esfolhadas, uma a uma,
Essas rosas de beleza
Que se esvaem como a escuma
Que a vaga cospe na praia
E que por si se desfaz;

Então, quando nos teus olhos
Uma lágrima buscares,
E secos, secos de febre,
Uma só não encontrares
Das que em meio das angústias
São um consolo e uma paz;

Então, quando o frio 'spectro
Do abandono e da penúria
Vier aos teus sofrimentos
Juntar a última injúria:
E que não vires ao lado
Um rosto, um olhar amigo
Daqueles que são agora
Os desvelados contigo;

Criança, verás o engano
E o erro dos sonhos teus; →

ASSIS, Machado de. Quinze anos.

70 E dirás, – então já tarde, –
Que por tais gozos não vale
Deixar os braços de Deus.

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 8-11]

Editor: José Américo Miranda

STELLA

Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto,
E verte o último pranto
Por todo o vasto espaço.

Tíbio clarão já cora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Vem debruçar-se a aurora.

À muda e torva irmã,
Dormida de cansaço,
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.

Uma por uma, vão
As pálidas estrelas.
E vão, e vão com elas
Teus sonhos, coração.

Mas tu, que o devaneio
Inspiras do poeta,
Não vês que a vaga inquieta
Abre-te o úmido seio?

Vai. Radioso e ardente,
Em breve o astro do dia,
Rompendo a névoa fria,
Virá do roxo oriente.

Dos íntimos sonhos
Que a noite protegera,
De tanto que eu vertera,
Em lágrimas a pares,

Do amor silencioso,
Místico, doce, puro,
Dos sonhos de futuro,
Da paz, do etéreo gozo,

De tudo nos desperta
Luz de importuno dia;
Do amor que tanto a enchia
Minha alma está deserta.

A virgem da manhã
Já todo o céu domina...
Espero-te, divina,
Espero-te, amanhã.

MACHADO DE ASSIS
[*Poesias completas*, 1901, p. 12-13]
Editor: José Américo Miranda

EPITÁFIO DO MÉXICO

Dobra o joelho: – é um túmulo.
Embaixo amortalhado
Jaz o cadáver tépido
De um povo aniquilado;
A prece melancólica
Reza-lhe em torno à cruz.

Ante o universo atônito
Abriu-se a estranha liça,
Travou-se a luta férvida
Da força e da justiça;
Contra a justiça, ó século,
Venceu a espada e o obus.

Venceu a força indômita;
Mas a infeliz vencida
A mágoa, a dor, o ódio,
Na face envilecida
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula
Seus louros murchará.

E quando a voz fatídica
Da santa liberdade
Vier em dias prósperos
Clamar à humanidade,
Então revivo o México
Da campa surgirá.

MACHADO DE ASSIS
[*Poesias completas*, 1901, p. 14-15]
Editor: José Américo Miranda

POLÔNIA

E ao terceiro dia a alma deve voltar ao
corpo, e a nação ressuscitará.

MICKIEWICZ

Como aurora de um dia desejado,
Clarão suave o horizonte inunda.
É talvez a manhã. A noite amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,
Cansado de te ouvir o inútil pranto,
Alfim ressurgue no dourado Oriente.

Eras livre, – tão livre como as águas
Do teu formoso, celebrado rio;
A coroa dos tempos
Cingia-te a cabeça veneranda;
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
A santa liberdade,
Como junto de um berço precioso,
À porta dos teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;
A sanhuda cobiça dos tiranos
Veio enlutar teus venturosos dias...
Infeliz! a medrosa liberdade
Em face dos canhões espavorida
Aos reis abandonou teu chão sagrado;
Sobre ti, moribunda,
Viste cair os duros opressores:
Tal a gazela que percorre os campos,
Se o caçador a fere,
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,
E vê no extremo arranco
Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos. →

Preso uma vez da ira dos tiranos,
Os membros retalhou-te
Dos senhores a esplêndida cobiça;
Em proveito dos reis a terra livre
Foi repartida, e os filhos teus – escravos –
Viram descer um véu de luto à pátria
E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não! – É glória o cativo,
Quando a cativa, como tu, não perde
A aliança de Deus, a fé que alenta,
E essa união universal e muda
Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.

Um dia, quando o cálix da amargura,
Mártir, até às fezes esgotaste,
Longo tremor correu as fibras tuas;
Em teu ventre de mãe, a liberdade
Parecia soltar esse vagido
Que faz rever o céu no olhar materno;
Teu coração estremeceu; teus lábios
Trêmulos de ansiedade e de esperança,
Buscaram aspirar a longos tragos
A vida nova nas celestes auras.

Então surgiu Kosciusko;
Pela mão do Senhor vinha tocado;
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
Chamou aos campos a nação caída.
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duelo atroz e infausto
Que a triste humanidade
Inda verá por séculos futuros.
Foi longa a luta; os filhos dessa terra
Ah! não pouparam nem valor nem sangue!
A mãe via partir sem pranto os filhos,
A irmã o irmão, a esposa o esposo,
E todas abençoavam
A heroica legião que ia à conquista
Do grande livramento.

Coube às hostes da força
Da pugna o alto prêmio;
A opressão jubilosa
Cantou essa vitória de ignomínia;
E de novo, ó cativa, o véu de luto →

Correu sobre teu rosto!
Deus continha
Em suas mãos o sol da liberdade,
E inda não quis que nesse dia infausto
Teu macerado corpo alumiasse.

Resignada à dor e ao infortúnio,
A mesma fé, o mesmo amor ardente
Davam-te a antiga força.
Triste viúva, o templo abriu-te as portas;
Foi a hora dos hinos e das preces;
Cantaste a Deus; tua alma consolada
Nas asas da oração aos céus subia,
Como a refugiar-se e a refazer-se
No seio do infinito.
E quando a força do feroz cossaco
A casa do Senhor ia buscar-te,
Era ainda rezando
Que te arrastavas pelo chão da igreja.

Pobre nação! – é longo o teu martírio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
É propícia esta hora. O sol dos livres
Como que surge no dourado Oriente.
Não ama a liberdade
Quem não chora contigo as dores tuas;
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua ressurreição, finada heroica!

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 16-19]

Editor: José Américo Miranda

ERRO

Erro é teu. Amei-te um dia
Com esse amor passageiro
Que nasce na fantasia
E não chega ao coração;
5 Nem foi amor, foi apenas
Uma ligeira impressão;
Um querer indiferente,
Em tua presença, vivo,
Morto, se estavas ausente,
10 E se ora me vês esquivo,
Se, como outrora, não vês
Meus incensos de poeta
Ir eu queimar a teus pés,
É que, – como obra de um dia,
15 Passou-me essa fantasia.

Para eu amar-te devias
Outra ser e não como eras.
Tuas frívolas quimeras,
Teu vão amor de ti mesma,
20 Essa pêndula gelada
Que chamavas coração,
Eram bem fracos liames
Para que a alma enamorada
Me conseguissem prender;
25 Foram baldados tentames,
Saiu contra ti o azar,
E embora pouca, perdeste
A glória de me arrastar
Ao teu carro... Vãs quimeras!
30 Para eu amar-te devias
Outra ser e não como eras...

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901, p. 20-21]

Editor: José Américo Miranda

ELEGIA

A bondade choremos inocente
Cortada em flor que, pela mão da morte,
Nos foi arrebatada dentre a gente.

CAMÕES

Se, como outrora, nas florestas virgens,
Nos fosse dado – o esquife que te encerra
Erguer a um galho de árvore frondosa,
Certo, não tinhas um melhor jazigo
5 Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes
Da florente estação, imagem viva
De teus cortados dias, e mais perto
Do clarão das estrelas.

Sobre teus pobres e adorados restos,
10 Piedosa a noite, ali derramaria
De seus negros cabelos puro orvalho;
À beira do teu último jazigo
Os alados cantores da floresta
Iriam sempre modular seus cantos;
15 Nem letra, nem lavor de emblema humano,
Relembraria a mocidade morta;
Bastava só que ao coração materno,
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,
Um aperto, uma dor, um pranto oculto,
20 Disseste: – Dorme aqui, perto dos anjos,
A cinza de quem foi gentil transunto
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência
Os dourados umbrais; a vida agora
25 Sorria-lhe toucada dessas flores
Que o amor, que o talento e a mocidade
À uma repartiam.

Tudo lhe era preságio alegre e doce;
Uma nuvem sequer não sombreava,
30 Em sua frente, o íris da esperança;
Era, enfim, entre os seus a cópia viva
Dessa ventura que os mortais almejam,
E que raro a fortuna, avessa ao homem,
Deixa gozar na terra.

35 Mas eis que o anjo pálido da morte
A presentiu feliz e bela e pura,
E, abandonando a região do olvido,
Desceu à terra, e sob a asa negra
A frente lhe escondeu; o frágil corpo
40 Não pôde resistir; a noite eterna
Veio fechar seus olhos;
Enquanto a alma abrindo
As asas rutilantes pelo espaço,
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,
45 No seio do infinito;
Tal a assustada pomba, que na árvore
O ninho fabricou, – se a mão do homem
Ou a impulsão do vento um dia abate
O recatado asilo, – abrindo o voo,
50 Deixa os inúteis restos
E, atravessando airosa os leves ares,
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta,
E que lembrança! Os olhos fatigados
55 Parecem ver passar a sombra dela;
O atento ouvido inda lhe escuta os passos;
E as teclas do piano, em que seus dedos
Tanta harmonia despertavam antes,
Como que soltam essas doces notas
60 Que outrora ao seu contacto respondiam.

Ah! pesava-lhe este ar da terra impura,
Faltava-lhe esse alento de outra esfera,
Onde, noiva dos anjos, a esperavam
As palmas da virtude.

65 Mas, quando assim a flor da mocidade
Toda se esfolha sobre o chão da morte,
Senhor, em que firmar a segurança
Das venturas da terra? Tudo morre;
À sentença fatal nada se esquiva, →

70 O que é fruto e o que é flor. O homem cego
Cuida haver levantado em chão de bronze
Um edifício resistente aos tempos,
Mas lá vem dia, em que, a um leve sopro,
O castelo se abate,
75 Onde, doce ilusão, fechado havias
Tudo o que de melhor a alma do homem
Encerra de esperanças.

Dorme, dorme tranquila
Em teu último asilo; e se eu não pude
80 Ir espargir também algumas flores
Sobre a lájea da tua sepultura;
Se não pude, – eu que há pouco te saudava
Em teu erguer, estrela, – os tristes olhos
Banhar nos melancólicos fulgores,
85 Na triste luz do teu recente ocaso,
Deixo-te ao menos nestes pobres versos
Um penhor de saudade, e lá na esfera
Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo,
Possas tu ler nas pálidas estrofes
90 A tristeza do amigo.

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1901. p. 22-25]

Editor: José Américo Miranda

SINHÁ

O teu nome é como o óleo derramado.
Cântico dos Cânticos.

Nem o perfume que expira
A flor, pela tarde amena,
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
Nas brandas cordas da lira;
Nem o murmúrio da veia
Que abriu sulco pelo chão
Entre margens de alva areia,
Onde se mira e recreia
Rosa fechada em botão;

Nem o arrulho enternecido
Das pombas, nem do arvoredado
Esse amoroso arruído
Quando escuta algum segredo
Pela brisa repetido;
Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 26-27]

Editor: José Américo Miranda

HORAS VIVAS

Noite: abrem-se as flores...
Que esplendores!
Cíntia sonha amores
Pelo céu.
Tênuas as neblinas
Às campinas
Descem das colinas,
Como um véu.

Mãos em mãos travadas,
Animadas,
Vão aquelas fadas
Pelo ar;
Soltos os cabelos,
Em novelos,
Puros, louros, belos,
A voar.

– “Homem, nos teus dias
Que agonias,
Sonhos, utopias,
Ambições;
Vivas e fagueiras,
As primeiras,
Como as derradeiras
Ilusões!

– “Quantas, quantas vidas
Vão perdidas
Pombas malferidas
Pelo mal!
Anos após anos,
Tão insanos,
Vêm os desenganos
Afinal.

ASSIS, Machado de. Horas vivas.

– “Dorme: se os pesares
Repousares,
Vês? – por estes ares
Vamos rir;
Mortas, não; festivas,
E lascivas,
Somos – *horas vivas*
De dormir! –”

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 26-27]

Editor: José Américo Miranda

VERSOS A CORINA

Tacendo il nome di questa gentilissima.

DANTE

I

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
Numa hora de amor, de ternura e desejo,
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;
Depois, depois vestindo a forma peregrina,
Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!

De um júbilo divino os cantos entoava
A natureza mãe, e tudo palpitava,
A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude,
De uma vida melhor e nova juventude.

Minh'alma adivinhou a origem do teu ser;
Quis cantar e sentir; quis amar e viver;
À luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,
Palpitou, reviveu a pobre criatura;
Do amor grande, elevado, abriram-se-lhe as fontes;
Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes;
Surgiu, abrindo em flor, uma nova região;
Era o dia marcado à minha redenção.

Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:
Corpo de fascinar, alma de querubim;
Era assim: fronte altiva e gesto soberano,
Um porte de rainha a um tempo meigo e ufano,
Em olhos senhoris uma luz tão serena,
E grave como Juno, e bela como Helena!
Era assim, a mulher que extasia e domina,
A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!

Neste fundo sentir, nesta fascinação,
Que pede do poeta o amante coração?
Viver como nasceste, ó beleza, ó primor,
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

Viver, – fundir a existência
Em um ósculo de amor,
Fazer de ambas – uma essência,
Apagar outras lembranças,
Perder outras ilusões,
E ter por sonho melhor
O sonho das esperanças
De que a única ventura
Não reside em outra vida,
Não vem de outra criatura;
Confundir olhos nos olhos,
Unir um seio a outro seio,
Derramar as mesmas lágrimas
E tremer do mesmo enleio,
Ter o mesmo coração,
Viver um do outro viver...
Tal era a minha ambição.

Donde viria a ventura
Desta vida? Em que jardim
Colheria esta flor pura?
Em que solitária fonte
Esta água iria beber?
Em que encendido horizonte
Podiam meus olhos ver
Tão meiga, tão viva estrela,
Abrir-se e resplandecer?
Só em ti: – em ti que és bela,
Em ti que a paixão respiras,
Em ti cujo olhar se embebe
Na ilusão de que deliras,
Em ti, que um ósculo de Hebe
Teve a singular virtude
De encher, de animar teus dias,
De vida e de juventude...

Amemos! diz a flor à brisa peregrina,
Amemos! diz a brisa, arfando em torno à flor;
Cantemos esta lei e vivamos, Corina,
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

II

A minha alma, talvez, não é tão pura,
Como era pura nos primeiros dias;
Eu sei: tive choradas agonias
De que conservo alguma nódoa escura,

Talvez. Apenas à manhã da vida
Abri meus olhos virgens e minha alma,
Nunca mais respirei a paz e a calma,
E me perdi na porfiosa lida.

Não sei que fogo interno me impelia
À conquista da luz, do amor, do gozo,
Não sei que movimento imperioso
De um desusado ardor minha alma enchia.

Corri de campo em campo e plaga em plaga.
(Tanta ansiedade o coração encerra!)
A ver o lírio que brotasse a terra,
A ver a espuma que cuspiisse – a vaga.

Mas, no areal da praia, no horto agreste,
Tudo aos meus olhos ávidos fugia...
Desci ao chão do vale que se abria,
Subi ao cume da montanha alpestre.

Nada! Volvi o olhar ao céu. Perdi-me
Em meus sonhos de moço e de poeta;
E contemplei, nesta ambição inquieta,
Da muda noite a página sublime.

Tomei nas mãos a cítara saudosa
E soltei entre lágrimas um canto.
A terra brava recebeu meu pranto
E o eco repetiu-me a voz chorosa.

Foi em vão. Como um lânguido suspiro,
A voz se me calou, e do ínvio monte →

Olhei ainda as linhas do horizonte,
Como se olhasse o último retiro.

Nuvem negra e veloz corria solta
O anjo da tempestade anunciando;
Vi ao longe as alcíones cantando
Doidas correndo à flor da água revolta.

Desiludido, exausto, ermo, perdido,
Busquei a triste estância do abandono,
E esperei, aguardando o último sono,
Volver à terra, de que fui nascido.

– “Ó Cibele fecunda, é no remanso
Do teu seio – que vive a criatura,
Chamem-te outros morada triste e escura,
Chamo-te glória, chamo-te descanso!”

Assim falei. E murmurando aos ventos
Uma blasfêmia atroz – estreito abraço
Homem e terra uniu, e em longo espaço
Aos ecos repeti meus vãos lamentos.

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Com um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia.
Ergui-me logo do chão,
E pousei meus olhos fundos
Em teus olhos soberanos,
Ardentes, vivos, profundos,
Como os olhos da beleza
Que das escumas nasceu...
Eras tu, maga visão
Eras tu o ideal sonhado
Que em toda a parte busquei,
E por quem houvera dado
A vida que fatiguei;
Por quem verti tanto pranto,
Por quem nos longos espinhos
Minhas mãos, meus pés sangrei!

Mas se minh'alma, acaso, é menos pura
Do que era pura nos primeiros dias, →

Porque não soube em tantas agonias
Abençoar a minha desventura;

Se a blasfêmia os meus lábios poluíra,
Quando, depois de tempo e do cansaço,
Beije a terra no mortal abraço
E espedacei desanimado a lira;

Podes, visão formosa e peregrina,
No amor profundo, na existência calma,
Desse passado resgatar minh'alma
E levantar-me aos olhos teus, – Corina!

III

Quando voarem minhas esperanças
Como um bando de pombas fugitivas;
E destas ilusões doces e vivas
Só me restarem pálidas lembranças;

E abandonar-me a minha mãe Quimera,
Que me aleitou aos seios abundantes;
E vierem as nuvens flamejantes
Encher o céu da minha primavera;

E raiar para mim um triste dia,
Em que, por completar minha tristeza,
Nem possa ver-te, musa da beleza,
Nem possa ouvir-te, musa da harmonia;

Quando assim seja, por teus olhos juro,
Voto minh'alma à escura soledade,
Sem procurar melhor felicidade,
E sem ambicionar prazer mais puro,

Como o viajor que, da falaz miragem
Volta desenganado ao lar tranquilo,
E procura, naquele último asilo,
Nem evocar memórias da viagem;

Envolvido em mim mesmo, olhos cerrados
A tudo mais, – a minha fantasia
As asas colherá com que algum dia
Quis alcançar os cimos elevados.

És tu a maior glória de minha alma,
Se o meu amor profundo não te alcança,
De que me servirá outra esperança?
Que glória tirarei de alheia palma?

IV

Tu que és bela e feliz, tu que tens por diadema
A dupla irradiação da beleza e do amor;
E sabes reunir, como o melhor poema,
Um desejo da terra e um toque do Senhor;

Tu que, como a ilusão, entre névoas deslizas
Aos versos do poeta um desvelado olhar,
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,
Do poeta e da luz, das selvas e do mar.

AS BRISAS

Deu-nos a harpa eólia a excelsa melodia
Que a folhagem desperta e torna alegre a flor,
Mas que vale esta voz, ó musa da harmonia,
Ao pé da tua voz, filha da harpa do amor?

Diz-nos tu como houveste as notas do teu canto?
Que alma de serafim volteia aos lábios teus?
Donde houveste o segredo e o poderoso encanto
Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?

A LUZ

Eu sou a luz fecunda, alma da natureza;
Sou o vivo alimento à viva criação.
Deus lançou-me no espaço. A minha realeza
Vai até onde vai meu vívido clarão.

Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,
Que sou eu ante a luz dos teus olhos? Melhor,
A tua é mais do céu, mais doce, mais profunda,
Se a vida vem de mim, tu dás a vida e o amor.

AS ÁGUAS

Do nume da beleza o berço celebrado
Foi o mar; Vênus bela entre espumas nasceu.
Veio a idade de ferro, e o nume venerado
Do venerado altar baqueou: – pereceu.

Mas a beleza és tu. Como Vênus marinha,
Tens a inefável graça e o inefável ardor.
Se paras, és um nume; andas, uma rainha,
E se quebras um olhar, és tudo isso e és amor!

Chamam-te as águas, vem! tu irás sobre a vaga
A vaga, a tua mãe, que te abre os seios nus,
Buscar adorações de uma plaga a outra plaga,
E das regiões da névoa às regiões da luz!

AS SELVAS

Um silêncio de morte entrou no seio às selvas.
Já não pisa Diana este sagrado chão;
Nem já vem repousar no leito destas relvas
Aguardando saudosa o amor e Endimião.

Da grande caçadora a um solícito aceno
Já não vem, não acode o grupo jovial;
Nem o eco repete a flauta de Sileno,
Após o grande ruído a mudez sepulcral.

Mas Diana aparece. A floresta palpita,
Uma seiva melhor circula mais veloz;
É vida que renasce, é vida que se agita;
À luz do teu olhar, ao som da tua voz!

O POETA

Também eu, sonhador, que vi correr meus dias
Na solene mudez da grande solidão,
E soltei, enterrando as minhas utopias,
O último suspiro e a última oração;

Também eu junto a voz à voz da natureza,
E soltando o meu hino ardente e triunfal,
Beijarei ajoelhado as plantas da beleza
E banharei minh'alma em tua luz, – Ideal!

Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas
Tua alma de mulher deve de palpitar;
Mas que te não seduza o cântico das águas,
Não procures, Corina, o caminho do mar!

V

Guarda estes versos que escrevi chorando
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.

Único em meio das paixões vulgares,
Fui a teus pés queimar minh'alma ansiosa,
Como se queima o óleo ante os altares;
Tive a paixão indômita e ferosa,
Única em meio das paixões vulgares.

Cheio de amor, vazio de esperança,
Dei para ti os meus primeiros passos;
Minha ilusão fez-me, talvez, criança;
E eu pretendi dormir aos teus abraços,
Cheio de amor, vazio de esperança.

Refugiado à sombra do mistério
Pude cantar meu hino doloroso;
E o mundo ouviu o som doce ou funéreo
Sem conhecer o coração ansioso
Refugiado à sombra do mistério.

Mas eu que posso contra a sorte esquivar?
Vejo que em teus olhares de princesa
Transluz uma alma ardente e compassiva
Capaz de reanimar minha incerteza;
Mas eu que posso contra a sorte esquivar?

Como um réu indefeso e abandonado,
Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;
E se a perseguição me tem cansado,
Embora, escutarei o teu aresto,
Como um réu indefeso e abandonado.

Embora fujas aos meus olhos tristes,
Minh'alma irá saudosa, enamorada,
Acercar-se de ti lá onde existes;
Ouvirás minha lira apaixonada,
Embora fujas aos meus olhos tristes.

Talvez um dia meu amor se extinga,
Como fogo de Vesta mal cuidado
Que sem o zelo da Vestal não vinga;
Na ausência e no silêncio condenado
Talvez um dia meu amor se extinga.

Então não busques reavivar a chama,
Evoca apenas a lembrança casta
Do fundo amor daquele que não ama;
Esta consolação apenas basta;
Então não busques reavivar a chama.

Guarda estes versos que escrevi chorando,
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.

VI

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano;
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.
Solta do chão, abrindo as asas luminosas,
Minh'alma se ergue e voa às regiões venturosas,
Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina,
Reveste a natureza a púrpura divina!

Lá, como quando volta a primavera em flor,
Tudo sorri de luz, tudo sorri de amor;
Ao influxo celeste e doce da beleza,
Pulsa, canta, irradia e vive a natureza;
Mais lânguida e mais bela, a tarde pensativa
Desce do monte ao vale; e a viração lasciva
Vai despertar à noite a melodia estranha
Que falam entre si os olmos da montanha;
A flor tem mais perfume e a noite mais poesia;
O mar tem novos sons e mais viva ardentia;
A onda enamorada arfa e beija as areias,
Novo sangue circula, ó terra, em tuas veias!

O esplendor da beleza é raio criador:
Derrama a tudo a luz, derrama a tudo o amor.

Mas vê. Se o que te cerca é uma festa de vida,
Eu, tão longe de ti, sinto a dor mal sofrida
Da saudade que punge e do amor que lacera
E palpita e soluça e sangra e desespera.
Sinto em torno de mim a muda natureza
Respirando, como eu, a saudade e a tristeza;
A saudade do bem e a tristeza do mal;
Tristeza sem irmã, saudade sem igual.
É deste ermo que eu vou, alma desventurada,
Murmurar junto a ti a estrofe imaculada
Do amor que não perdeu, coa última esperança
Nem o intenso fervor, nem a intensa lembrança.

Sabes se te eu amei, sabes se te amo ainda,
Do meu sombrio céu alva estrela bem-vinda!
Como divaga a abelha inquieta e sequiosa
Do cálice do lírio ao cálice da rosa,
Divaguei de alma em alma em busca deste amor;
Gota de mel divino, era divina a flor
Que o devia conter. Eras tu.

No delírio

De te amar – olvidei as lutas e o martírio;
Eras tu. Eu só quis, numa ventura calma,
Sentir e ver o amor através de uma alma;
De outras belezas vãs não valeu o esplendor,
A beleza eras tu: – tinhas a alma e o amor.

Pelicano do amor, dilacerei meu peito,
E com meu próprio sangue os filhos meus aleito;
Meus filhos: o desejo, a quimera, a esperança;
Por eles reparti minh'alma. Na provança
Ele não fraqueou, antes surgiu mais forte;
É que eu pus neste amor, neste último transporte,
Tudo o que vivifica a minha juventude:
O culto da verdade e o culto da virtude,
A vênua do passado e a ambição do futuro,
O que há de grande e belo, o que há de nobre e puro.

Deste profundo amor, doce e amada Corina,
Acorda-te a lembrança um eco de aflição?
Minh'alma pena e chora à dor que a desatina:
Sente tua alma acaso a mesma comoção?

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano,
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!

Vou, sequioso espírito,
Cobrando novo alento,
N'asa veloz do vento
Correr de mar em mar;
Posso, fugindo ao cárcere,
Que à terra me tem preso,
Em novo ardor aceso,
Voar, voar, voar!

Então, se à hora lânguida
Da tarde que declina,
Do arbusto da colina
Beijando a folha e a flor, →

A brisa melancólica
Levar-te entre perfumes
Uns tímidos queixumes
Ecos de mágoa e dor;

Então, se o arroio tímido
Que passa e que murmura
À sombra da espessura
Dos verdes salgueirais,
Mandar-te entre os murmúrios
Que solta nos seus giros,
Uns como que suspiros
De amor, uns ternos ais;

Então, se no silêncio
Da noite adormecida,
Sentires – mal dormida –
Em sonho ou em visão,
Um beijo em tuas pálpebras,
Um nome aos teus ouvidos,
E ao som de uns ais partidos
Pulsar teu coração;

Da mágoa que consome
O meu amor venceu;
Não tremas: – é teu nome,
Não fujas – que sou eu! –

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 30-49]

Editor: José Américo Miranda

ÚLTIMA FOLHA

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia.

Dos teus cabelos de ouro, que beijavam
Na amena tarde as virações perdidas,
Deixa cair ao chão as alvas rosas
E as alvas margaridas.

Vês? Não é noite, não, este ar sombrio
Que nos esconde o céu. Inda no poente
Não quebra os raios pálidos e frios
O sol resplandecente.

Vês? Lá ao fundo o vale árido e seco
Abre-se, como um leito mortuário;
Espera-te o silêncio da planície,
Como um frio sudário.

Desce. Virá um dia em que mais bela,
Mais alegre, mais cheia de harmonias,
Voltes a procurar a voz cadente
Dos teus primeiros dias.

Então coroarás a ingênua fronte
Das flores da manhã, – e ao monte agreste,
Como a noiva fantástica dos ermos,
Irás, musa celeste!

Então, nas horas solenes
Em que o místico himeneu
Une em abraço divino
Verde a terra, azul o céu;

Quando, já finda a tormenta
Que a natureza enlutou,
Bafeja a brisa suave
Cedros que vento abalou;

E o rio, a árvore e o campo,
A areia, a face do mar,
Parecem, como um concerto,
Palpitar, sorrir, orar;

Então sim, alma de poeta,
Nos teus sonhos cantarás
A glória da natureza,
A ventura, o amor e a paz!

Ah! mas então será mais alto ainda;
Lá onde a alma do vate
Possa escutar os anjos,
E onde não chegue o vão rumor dos homens;

Lá onde, abrindo as asas ambiciosas,
Possa adejar no espaço luminoso,
Viver de luz mais viva e de ar mais puro,
Fartar-se do infinito!

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia!

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 50-52]

Editor: José Américo Miranda

**TEXTOS COM APARATO
EDITORIAL**

MUSA CONSOLATRIX*

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É¹ no teu seio amigo e sossegado
5 Que o poeta respira o suave sono.²

Não há, não há contigo,
Nem dor aguda, nem sombrios ermos;
Da tua voz os namorados cantos
Enchem, povoam tudo³
10 De íntima paz,⁴ de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
Que vales tu, desilusão dos homens?
Tu que podes, ó tempo?
15 A alma triste do poeta sobrenada
À enchente das angústias,⁵
E, afrontando o rugido da tormenta,
Passa cantando, alcíone divina.⁶

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CRIS1864 (p. 21-22), SEM (ano II, v. II, n. 93, p. 327, 9 out. 1886), PC1901 (p. 3-4), PC1937 (p. 11-12), PC1953 (p. 11-12), OCA1959 (v. III, p. 11), PCEC1976 (p. 129-130), OCA1994 (v. III, p. 19), TPCL (p. 25), PCRR (p. 33) e OCA2015 (v. 3, p. 384). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em CRIS1864 e em SEM, abaixo do título, entre parênteses, vem esta data: “(1864.)”.

¹ É] E – em PC1901 (corrigido na errata).

² sono.] sono – em CRIS1864.

³ Em PCRR este verso vem minimamente deslocado para a direita – começa debaixo da letra “a” do “Da” inicial do verso anterior.

⁴ paz,] paz – em PCEC1976 e em TPCL.

⁵ angústias,] angústias; – em CRIS1864 e em SEM. Em PC1937, o deslocamento deste verso para a direita é o dobro do deslocamento dos hexassílabos anteriores; e, apesar de haver mudança de página (que pode dificultar a avaliação do espaçamento), esse maior deslocamento ocorre também (é facilmente visível) em todos os hexassílabos seguintes, até o final do poema.

⁶ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes.

Musa consoladora,⁷
20 Quando da minha frente de mancebo
A última ilusão cair, bem como
Folha amarela e seca
Que ao chão atira a viração do outono,
Ah! no⁸ teu seio amigo
25 Acolhe-me, – e haverá⁹ minha alma aflita,
Em vez de algumas ilusões que teve,
A paz, o último bem, último e puro!¹⁰

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

SEM – *A Semana*.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Musa consolatrix*. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano II, v. II, n. 93, p. 327, 9 out. 1886. Disponível em: <<https://rb.gy/qd8mxs>>.

⁷ Em SEM este verso vem incorporado à estrofe anterior; o espaço de separação de estrofes vem depois dele. Além disso, esse verso vem com um deslocamento para a direita ligeiramente maior do que o dos hexassílabos que o antecedem.

⁸ no] No – em TPCL.

⁹ haverá] terá – em CRIS1864 e em SEM.

¹⁰ Em OCA1959, este verso está ligeiramente deslocado para a esquerda, em relação aos anteriores. Ele é particularmente notável pelas duas diástoles que apresenta. “Paz” e “bem” são vocábulos de valor semântico importante no verso, que não poderiam deixar de ser acentuados. Além disso, “bem” é a sexta sílaba (forçosa e naturalmente forte). Ambos os monossílabos, entretanto, vêm seguidos pelo adjetivo “último”, cuja primeira sílaba é acentuada – o que resulta na justaposição de duas tônicas. O leitor há de escolher qual das duas acentuará na leitura do verso: já o dissemos, os acentos recaem em “paz” e “bem” – o que implica o enfraquecimento da primeira sílaba de “último”, e valorização relativa da segunda. Em SEM, ao pé do poema vem, entre parênteses, “(Das *Crisálidas*)”, e, logo abaixo, o nome do autor: MACHADO DE ASSIS.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

VISIO*

Eras pálida. E os cabelos,
Aéreos, soltos novelos,
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meio-cerrados¹
5 De volúpia² e de ternura
Entre lágrimas luziam...
E os braços entrelaçados,
Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...³

10 Depois, naquele delírio,⁴
Suave, doce martírio⁵
De pouquíssimos instantes,⁶
Os teus lábios⁷ sequiosos,
Frios, trêmulos,⁸ trocavam
15 Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos⁹
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...¹⁰

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CRIS1864 (p. 35-38), JF (t. VII, p. 317-319, out. 1869), PC1901 (p. 5-7), PC1937 (p. 13-15), PC1953 (p. 13-15), OCA1959 (v. III, p. 11-13), PCEC1976 (p. 131-133), OCA1994 (v. III, p. 19-20), TPCL (p. 31-33), PCRR (p. 34-35) e OCA2015 (v. 3, p. 384-386). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em CRIS1864, abaixo do título, entre parênteses, vem esta data: “(1864).” Em JF, o poema traz o título “EM SONHOS.”, e a seguinte epígrafe: “Vale mais sonhar contigo um minuto, que / ser feliz um ano longo, eterno, acordado / e sem ti. / TH. MOORE.”

¹ meio-cerrados] meio cerrados, – em JF. O vocábulo “meio-cerrados”, criação do poeta, foi desdobrado em seus componentes nas seguintes edições: JF, PC1953, OCA1959 e OCA1994.

² volúpia] paixão – em JF.

³ cingiam...] cingiram... – em PCEC1976 e em TPCL.

⁴ naquele delírio,] naquela ansiedade, – em JF.

⁵ Suave, doce martírio] Suave felicidade – em JF.

⁶ instantes,] instantes – em TPCL.

⁷ lábios] lábios, – em TPCL.

⁸ Frios, trêmulos,] Frios trêmulos, – em PCEC1976 e em TPCL.

⁹ gozos] gozos, – em JF.

¹⁰ palpitantes...] palpitantes. – em JF.

Depois... depois¹¹ a verdade,
20 A fria¹² realidade,
A solidão, a tristeza;¹³
Daquele sonho desperto,
Olhei... silêncio¹⁴ de morte
Respirava a natureza –¹⁵
25 Era a terra, era o deserto,¹⁶
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:
Tudo aos meus olhos fugira;¹⁷
30 Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado,¹⁸
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
35 E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria¹⁹
Tão outra estás da que eu via
Naquele sonho encantado!²⁰
40 És outra, calma,²¹ discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro do olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não vê se²² a imagem presente
45 Foi a visão do passado.

Foi, sim, mas visão apenas;²³
Daquelas visões amenas
Que à mente dos infelizes
Descem vivas e animadas, →

¹¹ Depois... depois] Depois, depois – em JF.

¹² fria] seca – em JF.

¹³ A solidão, a tristeza;] A solidão e a tristeza; – em JF.

¹⁴ Olhei... silêncio] Olhei: silêncio – em JF.

¹⁵ natureza –] natureza; – em JF; natureza, – (com travessão depois da vírgula) – em PC1953.

¹⁶ deserto,] deserto; – em JF.

¹⁷ Desfizera-se a mentira: / Tudo aos meus olhos fugira;] Tudo aos meus olhos fugira; / Desfizera-se a mentira: – em JF; Desfizera-se a mentira: / Tudo aos meus olhos fugira – em PC1937; Desfizera-se a mentira: / Tudo aos meus olhos fugira, – em PC1953.

¹⁸ apertado,] apertado; – em JF; apertado. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁹ E agora te vejo. E fria] Agora vejo-te. E fria, – em JF.

²⁰ encantado!] encantado; – em JF.

²¹ És outra, calma,] És outra – calma, – em CRIS1864.

²² vê se] se vê – em OCA1994.

²³ Foi, sim, mas visão apenas;] Foi sim, mas visão apenas, – em JF.

- 50 Cheias de luz e esperança²⁴
E de celestes matizes:²⁵
Mas, apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raízes.
- 55 Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,²⁶
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura²⁷
Noite por noite, hora a hora,
- 60 No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,²⁸
Chorara de agradecida!²⁹

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

JF – *Jornal das Famílias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. Em sonhos. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, t. VII, p. 317-319, out. 1869. Disponível em: <<https://rb.gy/ge7ebu>>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

²⁴ esperança] esperança, – em JF.

²⁵ matizes:] matizes, – em JF.

²⁶ Mas, sonho doce e risonho,] Mas doce, ardente, risonho, – em JF.

²⁷ ventura] ventura, – em JF.

²⁸ chora,] chora. – em CRIS1864.

²⁹ agradecida!] agradecida. – em JF (neste periódico, ao pé dos versos, à esquerda vem esta data: “1862.”, e, uma linha abaixo, à direita, vem a indicação de autoria: “MACHADO DE ASSIS.”).

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

QUINZE ANOS*

Oh! la fleur de l'Éden, pourquoi l'as-tu fanée,
Insouciant enfant, belle Ève aux blonds cheveux?¹

ALFRED DE MUSSET²

Era uma pobre criança...
– Pobre criança, se o eras! –³
Entre as quinze primaveras
De⁴ sua vida cansada
5 Nem uma flor de esperança⁵ →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: SEMIL (n. 1, p. 7, s.d. – 16 dez. 1860, informa Galante de Sousa; 1861, no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional), MsQA1862 (em CLBMA, p. 116 e p. 118), CRIS1864 (p. 51-54), PC1901 (p. 8-11), PC1937 (p. 16-18), PC1953 (p. 16-18), OCA1959 (v. III, p. 13-15), PCEC1976 (p. 134-136), OCA1994 (v. III, p. 20-21), TPCL (p. 39-41), PCRR (p. 36-38) e OCA2015 (v. 3, p. 386-388). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em SEMIL, o poema traz o título de “Perdição.”, em MsQA1862, o título é “A uma criança”. Ele foi publicado, também, em RMSEL (v. I, p. 469, maio 1864); porém, na Hemeroteca Digital Brasileira, as páginas 469 e 470 não estão digitalizadas (é provável, pela temática do poema, que alguém, por censura, tenha removido a folha) – por este motivo, esta publicação não foi utilizada nesta edição. Em CRIS1864, entre o título e a epígrafe, vem esta data, entre parênteses: “(1860).” Amaral Tavares, em resenha do livro *Crisálidas*, datada de 27 de outubro de 1864 e publicada em 16 de novembro no Folhetim do *Diário do Rio de Janeiro*, sob a forma de carta a Quintino Bocaiuva, transcreve todo o poema, sem declarar-lhe o título. Nesta edição, não levamos em consideração esta transcrição.

¹ Oh! la fleur de l'Éden, pourquoi l'as-tu fanée, / Insouciant enfant, belle Ève aux blonds cheveux? Oh! la fleur de l'Éden, pourquoi l'as-tu fanée, / Insouciant enfant, belle Ève aux blonds cheveux? – em CRIS1864 e em PC1901. Esses dois versos, do poema “Rolla”, de Alfred de Musset, apresentam pequenas variantes nas diversas edições que cotejamos. As variantes dizem respeito ao acento em letras maiúsculas (Éden; Ève), ao gênero da palavra “Insouciant”, ao uso de itálico e à pontuação ao final dos versos (ponto de exclamação em algumas delas). Nesta edição, registramos apenas a epígrafe tal como vem em CRIS1864 e PC1901 (texto-base desta edição). Adotamos na epígrafe a forma em que encontramos os versos nas seguintes edições das obras de Alfred de Musset: *Poésies complètes*, 1841, e *Oeuvres complètes*, tome deuxième, 1866.

² ALFRED DE MUSSET] ALF. DE MUSSET – em SEMIL. Algumas edições trazem ponto depois do nome do poeta (não julgamos necessário apontá-las).

³ – Pobre criança, se o eras! –] Pobre criança, se o eras! (sem os travessões) – em SEMIL e em MsQA1862.

⁴ De] Da – em MsQA1862.

⁵ de esperança] d'esperança – em SEMIL.

Abria a medo.⁶ Eram rosas
Que a douda⁷ da esperdiçada
Tão festivas, tão formosas,⁸
Desfolhava pelo chão.⁹
10 – Pobre criança, se o eras! –¹⁰
Os carinhos mal gozados
Eram por todos comprados,
Que os afetos de sua alma¹¹
Havia-os levado à feira,¹²
15 Onde vendera sem pena
Até a ilusão primeira
Do seu doudo coração!¹³

Pouco antes, a candura,¹⁴
Coas brancas asas abertas,¹⁵
20 Em um berço de ventura
A criança acalentava
Na santa paz do Senhor;¹⁶
Para acordá-la¹⁷ era cedo,
E a pobre ainda dormia
25 Naquele mudo segredo¹⁸
Que só abre o seio um dia
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal,¹⁹ acordaste!
Junto do berço passou-te
30 A festiva melodia
Da sedução...²⁰ e acordou-te!
Colhendo as límpidas asas,²¹ →

⁶ Abria a medo.] Abria a medo... – em SEMIL.

⁷ douda] doida – em MsQA1862. Não registramos, usualmente, as oscilações do ditongo “ou/oi”; entretanto, neste caso, como se trata de manuscrito autógrafo, julgamos pertinente o registro.

⁸ formosas,] formosas – em SEMIL.

⁹ Desfolhava pelo chão.] Despencava pelo chão! – em SEMIL; Espalhava pelo chão! – em MsQA1862; Desfolhava pelo chão, – em PC1937.

¹⁰ – Pobre criança, se o eras! –] Pobre criança, se o eras! (sem os travessões) – em SEMIL e em MsQA1862.

¹¹ sua alma] su'alma – em SEMIL.

¹² feira,] feira – em SEMIL e em MsQA1862.

¹³ doudo coração!] doido coração. – em MsQA1862.

¹⁴ candura,] candura – em MsQA1862.

¹⁵ abertas,] abertas – em MsQA1862.

¹⁶ Senhor;] Senhor! – em SEMIL.

¹⁷ acordá-la] acordar – em SEMIL; acordá-la, – em MsQA1862.

¹⁸ segredo] *segredo* – em SEMIL.

¹⁹ Mas, por teu mal,] Mas por tem mal, – em SEMIL; Mas, por teu mal – em PC1937.

²⁰ Da sedução...] Da sedução.... – em MsQA1862. Ver nota 23, adiante.

²¹ límpidas asas,] límpidas asas – em SEMIL e em MsQA1862; limpadas asas, – em PC1901 (corrigido na errata).

O anjo que te velava²²
Nas mãos trêmulas e frias
35 Fechou o rosto...²³ chorava!

Tu, na sede dos amores,
Colheste todas as flores
Que nas orlas do caminho
Foste encontrando ao passar;²⁴
40 Por elas,²⁵ um só espinho
Não te feriu... vás andando...²⁶
Corre, criança,²⁷ até quando
Fores forçada a parar!²⁸

Então,²⁹ desflorada a alma
45 De tanta ilusão, perdida³⁰
Aquele primeira³¹ calma
Do teu sono de pureza;³² →

²² velava] velava, – em SEMIL.

²³ rosto...] rosto.... – em SEMIL e em MsQA1862. Eram comuns, no século XIX, reticências com mais de três pontos, às vezes, até cinco. Antônio José Chediak afirma que há, também, reticências representadas por dois pontos consecutivos. (CHEDIAK, 2000, p. 125)

²⁴ passar;] passar! – em SEMIL. Foi grande a tentação (que tivemos) de suprimir esta pontuação. Todos os editores do poema a conservaram. As palavras “Por elas”, que começam o verso seguinte, à primeira vista, não parecem fazer sentido (mas fariam sentido se incluídas no período que as antecede). A supressão da pontuação reduziria a complexidade da estrutura – é este um dos principais modos de introduzir “erros” nos textos: transcrevê-los conforme o nosso entendimento, diante da dificuldade do original. Depois de muito pensar, chegamos à conclusão de que se trata de um anacoluto: o poeta iniciou o verso seguinte (n. 40) de certa maneira, mas mudou de ideia – e expressou seu pensamento de outro modo, o que faz muito sentido no contexto do poema. Mário Gonçalves Viana, deparando-se com um anacoluto na prosa de Francisco Rodrigues Lobo (*O desenganado*, parte II, discurso 9º), escreveu as seguintes observações: “O *anacoluto* está longe, porém, de ser absolutamente condenável: usaram-no os melhores escritores, tais como P.^e Manuel Bernardes, Garrett, Camilo, etc. / Augusto Moreno opina, com efeito, que ‘o *anacoluto* não deve banir-se totalmente da escrita vernácula: às vezes apresenta formas de construção tipicamente portuguesas, e que substituídas redundariam logo em perda de naturalidade e elegância’.” (VIANA, 1942, p. 52) Às razões para o préstimo do anacoluto dadas por Augusto Moreno (naturalidade e elegância) podemos acrescentar esta: a eficácia da expressão artística.

²⁵ Por elas,] Por elas – em SEMIL.

²⁶ vás andando...] vais andando.... – em SEMIL; vais andando... – em MsQA1862, em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. “Vás” é forma antiga de “vais”. (Cf. DIAS, Augusto Epifânio da Silva, 1972, p. 70, nota à estrofe 4 do canto II de *Os Lusíadas*). Machado de Assis usou mais de uma vez essa forma. Exemplos: crônica n. 107 da série “A semana”, publicada em 17 de junho de 1894 na *Gazeta de Notícias (Machadiana Eletrônica, v. 1, n. 2, p. 155-159, jul.-dez. 2018)*, em poemas, como “Niâni”, parte III (*Poesias completas*, p. 207-209), “Última jornada” (*Poesias completas*, p. 277-282) e na comédia *Os deuses de casaca* (1866).

²⁷ Corre, criança,] Corre criança – em MsQA1862.

²⁸ parar!] parar. – em SEMIL.

²⁹ Então,] Então – em MsQA1862.

³⁰ ilusão, perdida] ilusão. Perdida – em SEMIL e em MsQA1862.

³¹ primeira] prmeira – em OCA1959 (erro tipográfico).

³² pureza;] pureza, – em MsQA1862.

- 50 Esfolhadas, uma a uma,³³
Essas rosas de beleza
Que se esvaem como a espuma
Que a vaga cospe na praia
E que por si se desfaz;³⁴
- 55 Então,³⁵ quando nos teus olhos
Uma lágrima buscares,
E secos, secos de febre,
Uma só não encontrares
Das que em meio das angústias³⁶
São um consolo e uma paz;
- 60 Então,³⁷ quando o frio 'spectro³⁸
Do abandono e da penúria³⁹
Vier aos teus sofrimentos
Juntar a última injúria:⁴⁰
E que não vires ao lado
Um rosto, um olhar amigo⁴¹
- 65 Daqueles que são agora
Os desvelados contigo;⁴²
- 70 Criança,⁴³ verás o engano
E o erro dos sonhos teus;⁴⁴
E dirás, – então já tarde, –⁴⁵
Que por tais gozos não vale
Deixar os braços de Deus.⁴⁶

³³ Esfolhadas, uma a uma,] Esfolhados uma a uma – em SEMIL; Esfolhadas uma a uma – em MsQA1862; Esfolhadas, uma a uma – em OCA1994.

³⁴ Em SEMIL e em MsQA1862, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

³⁵ Então,] Então – em MsQA1862.

³⁶ Das que em meio das angústias] Das que, em meio das angústias, – em MsQA1862.

³⁷ Então,] Então – em MsQA1862.

³⁸ 'spectro] espectro – em SEMIL, em MsQA1862, em PCEC1976, em TPCL, em PCRR e em OCA2015; spectro – em CRIS1864, em PC1901 e em PC1937. O dicionário de Antônio de Moraes Silva (desde sua primeira edição, em 1789), como o de Rafael Bluteau (que registra também “spectro”), já registrava a forma “espectro”.

³⁹ penúria] penúria, – em MsQA1862.

⁴⁰ injúria:] injúria; – em SEMIL e em MsQA1862.

⁴¹ amigo] amigo, – em SEMIL e em MsQA1862.

⁴² Em SEMIL, depois deste verso há espaço de separação de estrofes; em MsQA1862, depois deste verso há mudança de coluna. Em PC1901 a estrofe seguinte encontra-se em alto de página; em CRIS1864 há divisão de estrofes.

⁴³ Criança,] Criança – em PC1937.

⁴⁴ teus:] teus, – em SEMIL e em MsQA1862; teus – (com travessão no lugar do ponto e vírgula) – em OCA1994.

⁴⁵ E dirás, – então já tarde, –] E dirás então já tarde (sem travessões e sem vírgulas) – em SEMIL; E dirás, então já tarde: – em MsQA1862 (sem travessões).

⁴⁶ Deus.] Deus! – em SEMIL (neste periódico, abaixo do último verso, vem: “1860. – MACHADO DE ASSIS.”) e em MsQA1862 (no manuscrito, abaixo do último verso, vem a assinatura do autor: “Machado D’Assis”).

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CLBMA – *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 23 e n. 24, jul. 2008.
- CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
- MsQA1862 – Manuscrito autógrafo no álbum da atriz Júlia Carlota de Azevedo. Utilizamos o fac-símile publicado nos *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, n. 23 e n. 24 (que traz a informação de que o manuscrito é de 1862), p. 116 e p. 118, jul. 2008.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- RMSEL – *Revista Mensal da Sociedade Ensaaios Literários*.
- SEMIL – *Semana Ilustrada*.
- TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. Perdição. *A Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7, s.d [15 dez. 1860 – informação de J. Galante de Sousa; 1861 na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.] Disponível em: <<https://rb.gy/dyran2>>.
- ASSIS, Machado de. *Os deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1866.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

ASSIS, Machado de. A Semana – 107. Edição, apresentação e notas por John Gledson. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 155-159, jul.-dez. 2018.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesu, 1713 e 1720. [v. 3 e v. 7.] p. 265 e p. 743 (respectivamente).

CADERNOS de Literatura Brasileira: Machado de Assis, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 23 e n. 24, jul. 2008.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972. [Reprodução fac-similada da 2ª edição (em 2 tomos – 1916/1918).]

CHEDIAK, Antônio José. Da pontuação. In: ALVES, Castro. *Tragédia no mar* (O navio negro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000. p. 124-132.

MUSSET, Alfred de. *Poésies complètes*. Paris: Charpentier, 1841.

MUSSET, Alfred de. *Oeuvres complètes*. Tome deuxième. Poésies II. Paris: Charpentier, 1866.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia de M. P. de Lacerda, 1823. 2v.

SILVA, Augusto Epifânio da Silva, ver CAMÕES, 1973.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

TAVARES, Amaral. Crisálidas. A Quintino Bocaiuva. Rio de Janeiro, *Diário do Rio de Janeiro*, ano XLIV, n. 315, p. 1, 16 nov. 1864.

VIANA, Mário Gonçalves. Ensaio biográfico e histórico-crítico. In: LOBO, Francisco Rodrigues. *Pastorais e éclogas*. Ensaio histórico-crítico, seleção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana. Porto: Educação Nacional, 1942.

STELLA*

Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto,¹
E verte² o último pranto
Por todo o vasto espaço.

5 Tíbio clarão já cora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Vem debruçar-se a aurora.³

10 À muda e torva irmã,⁴
Dormida de cansaço,⁵
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.

Uma por uma, vão⁶
As pálidas estrelas.⁷ →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FUT (ano I, n. VI, p. 190, 1º dez. 1862), CRIS1864 (p. 23-25), PC1901 (p. 12-13), PC1937 (p. 19-20), PC1953 (p. 19-20), OCA1959 (v. III, p. 15-16), PCEC1976 (p. 137-139), OCA1994 (v. III, p. 21), TPCL (p. 26-27), PCRR (p. 38-39) e OCA2015 (v. 3, p. 388-389). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Este poema foi publicado em FUT com o título de “A estrela do poeta.” e com esta epígrafe: “*Ouvre ton aile et pars. / TH. GAUTIER.*” Em CRIS1864, há também a epígrafe: “*Ouvre ton aile et pars..... / TH. GAUTIER.*”, e, entre o título e a epígrafe há a seguinte data, entre parênteses: “(1862.)”. Em ambas as edições “Gautier” vem grafado “Gauthier”. A epígrafe é o primeiro hemistíquio de um verso alexandrino de “Le Bengali”, poema que encontramos no primeiro tomo das *Poésies complètes* (1877, p. 113). Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso (2017, p. 74) encontrou o mesmo poema, sem o título mencionado, como segunda parte das *Fantaisies*, no volume *Premières poésies* (1870).

¹ manto,] manto – em FUT.

² verte] ver-te – em PC1937.

³ Vem debruçar-se a aurora.] Debruça-se alva aurora. – em FUT; Vem debruçar-se a aurora – em TPCL.

⁴ irmã,] irmã – em FUT.

⁵ cansaço,] cansaço – em FUT.

⁶ Uma por uma, vão] Uma por uma vão – em FUT.

⁷ estrelas.] estrelas, – em FUT, em CRIS1864, em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

- 15 E vão, e vão com elas
Teus sonhos, coração.
- Mas tu, que o devaneio⁸
Inspiras do poeta,⁹
Não vês que a vaga inquieta¹⁰
20 Abre-te o úmido seio?¹¹
- Vai. Radioso e ardente,¹²
Em breve¹³ o astro do dia,
Rompendo a névoa fria,
Virá do roxo oriente.
- 25 Dos íntimos sonhares
Que a noite protegera,
De tanto que eu vertera,¹⁴
Em lágrimas a pares,¹⁵
- 30 Do amor silencioso,¹⁶
Místico, doce, puro,
Dos sonhos de futuro,
Da paz, do etéreo gozo,¹⁷
- De tudo nos desperta
Luz de importuno dia;
35 Do amor que tanto a enchia
Minha alma está deserta.
- A virgem da manhã
Já todo o céu domina...¹⁸
Espero-te, divina,
40 Espero-te, amanhã.¹⁹

⁸ Mas tu, que o devaneio] E a ti, que o devaneio – em FUT.

⁹ poeta,] poeta – em FUT.

¹⁰ Não vês que a vaga inquieta] A vaga azul e inquieta – em FUT.

¹¹ Abre-te o úmido seio?] Abre-te o úmido seio. – em FUT; Abra-te o úmido seio? – em TPCL.

¹² Esta estrofe e as três seguintes não vêm em FUT; no lugar delas, vêm estas duas: “Descoras, astro amigo, / Águas do mar, tomai-a, / A estrela que desmaia / E volta ao sono antigo. // Vai, loura enamorada, / Viver de uma outra vida, / Na vaga adormecida, / Da brisa acalentada.”

¹³ Em breve] Em breve, – em TPCL.

¹⁴ vertera,] vertera – em CRIS1864; vertera. – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁵ pares,] pares. – em PCEC1976 e em TPCL. Em OCA1959, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁶ silencioso,] silencioso. – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁷ gozo,] gozo. – em PC1937.

¹⁸ domina...] domina.... – em FUT, em CRIS1864, em PC1901 e em PCRR. Ver notas n. 20 e n. 23 ao poema “Quinze anos”.

¹⁹ Em FUT, ao pé dos versos, vem assim a indicação de autoria: MACHADO DE ASSIS.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
FUT – *O Futuro*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. A estrela do poeta. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. VI, p. 190, 1º dez. 1862. Disponível em: <<https://rb.gy/aomhoo>>.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- GAUTIER, Théophile. *Poésies complètes*. Tome premier. Paris: Charpentier, 1877.
- MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

EPITÁFIO DO MÉXICO*

Dobra o joelho: – é um túmulo.
Embaixo amortalhado
Jaz o cadáver tépido
De um povo aniquilado;
5 A prece melancólica
Reza-lhe em torno à cruz.

Ante o universo atônito
Abriu-se a estranha liça,
Travou-se a luta férvida
10 Da força e da justiça;
Contra a justiça, ó século,
Venceu a espada e o obus.

Venceu a força indômita;
Mas a infeliz vencida
15 A mágoa, a dor, o ódio,
Na face envilecida
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula
Seus louros murchará.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CRIS1864 (p. 87-88), PC1901 (p. 14-15), PC1937 (p. 21-22), PC1953 (p. 21-22), OCA1959 (v. III, p. 16), PCEC1976 (p. 140-141), OCA1994 (v. III, p. 22), TPCL (p. 55), PCRR (p. 40) e OCA2015 (v. 3, p. 389-390). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em CRIS1864, o poema traz esta epígrafe: “Caminhante, vai dizer aos Lacedemônios que esta- / mos aqui deitados por termos defendido as suas leis. / EPITÁFIO DAS TERMÓPILAS.” Entre o título e a epígrafe vem esta data, entre parênteses: “(1862).” TPCL, que pretendeu reconstituir os livros conforme à primeira edição (mas utilizou o texto da segunda), também traz a epígrafe assim: “Caminhante, vai dizer aos Lacedemônios que estamos / aqui deitados por termos defendido as suas leis. / EPITÁFIO DAS TERMÓPILAS”. Esse epitáfio é atribuído a Simônides de Ceos (556-468 a.C.). (Cf. MIASSO, 2017, p. 145) Conforme argumenta Galante de Sousa, a data de composição do poema não pode ser essa [1862]; o poema deve ser de 1863. “Pelo assunto, é fácil concluir que a poesia se refere aos sucessos da expedição militar de 1862, que culminaram com a designação de Maximiliano para o trono do México em julho de 1863.” (SOUSA, 1955, p. 376-377) O poema foi transcrito na *Revista Mensal da Sociedade Ensaíes Literários* (v. II, p. 244, 1 nov. 1864), em crônica de Luís José Pereira Silva, e no *Arquivo Literário* (n. 1, p. 19, nov. 1869) – essas duas publicações não foram utilizadas nesta edição.

20 E quando a voz fatídica
Da santa liberdade
Vier em dias prósperos
Clamar à humanidade,
Então revivo o México
Da campa surgirá.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. Epitáfio do México.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

POLÔNIA*

E ao terceiro dia a alma deve voltar ao
corpo, e a nação ressuscitará.¹

MICKIEWICZ²

Como aurora de um dia desejado,³
Clarão suave o horizonte inunda.
É talvez a manhã. A noite⁴ amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,⁵
5 Cansado de te ouvir o inútil pranto,⁶
Alfim ressurgue no dourado Oriente.⁷

Eras livre, – tão livre⁸ como as águas →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FUT (ano I, n. XIII, p. 425-428, 15 mar. 1863), CRIS1864 (p. 89-94), PC1901 (p. 16-19), PC1937 (p. 23-26), PC1953 (p. 23-26), OCA1959 (v. III, p. 17-19), PCEC1976 (p. 142-145), OCA1994 (v. III, p. 22-24), TPCL (p. 56-59), PCRR (p. 41-43) e OCA2015 (v. 3, p. 390-392). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em FUT o poema traz este título: “O acordar da Polônia.” Em CRIS1864, entre a epígrafe e o título vem esta data, entre parênteses, sem as aspas: “(1862.)”

¹ E ao terceiro dia a alma deve voltar ao / corpo, e a nação ressuscitará.] E ao terceiro dia a alma deve voltar ao / corpo e a nação ressuscitará. – em FUT; E no terceiro dia a alma deve voltar / ao corpo, e a nação ressuscitará. – em OCA1959, em PC1953 e em PCEC1976; *E ao terceiro dia a alma deve voltar / ao corpo, e a nação ressuscitará.* – em TPCL; *E ao terceiro dia a alma deve voltar ao / corpo, e a nação ressuscitará.* – em PCRR e em OCA2015. A epígrafe procede do *Livro da nação polaca*, muito provavelmente traduzido da versão francesa de Cristiano Ostrowski. (Cf. MIASSO, 2017, p. 149)

² MICKIEWICZ] MICKIEWCZ. – *Livro da nação polaca.* – em FUT; MICKIEWIEZ – *Livro da nação polaca.* – em CRIS1864; MICKIEWIEZ. – em PC1901. Adam Mickiewicz (1798-1855) foi um poeta romântico polonês.

³ desejado,] desejado – em FUT (nesta publicação, este primeiro verso vem precedido por este outro: “Rompe o sudário, Lázaro dos povos!”)

⁴ É talvez a manhã. A noite] É, talvez, amanhã; a noite – em FUT; É talvez amanhã. A noite – em CRIS1864; E talvez amanhã. A noite – em PC1901 e em PC1937.

⁵ livres,] livres – em FUT.

⁶ pranto,] pranto – em FUT.

⁷ Oriente.] Oriente, – em FUT (neste periódico, as estrofes são separadas por um travessão posto ao meio do espaço que as separa).

⁸ Eras livre, – tão livre] Eras livre, tão livre – em FUT.

- Do⁹ teu formoso, celebrado rio;¹⁰
A coroa dos tempos
- 10 Cingia-te a cabeça veneranda;¹¹
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
A santa liberdade,
Como junto de um berço precioso,
À porta dos teus lares¹² vigiava.
- 15 Eras feliz demais, demais formosa;
A sanhuda cobiça dos tiranos¹³
Veio enlutar teus venturosos dias...
Infeliz! a medrosa liberdade
Em face dos canhões espavorida¹⁴
- 20 Aos reis abandonou teu chão sagrado;
Sobre ti, moribunda,¹⁵
Viste cair os duros opressores:¹⁶
Tal a gazela que percorre os campos,
Se o caçador¹⁷ a fere,
- 25 Cai convulsa de dor em mortais ânsias,¹⁸
E vê no extremo arranco →

⁹ Do] De – em FUT.

¹⁰ rio;] rio, – em PC1937. Em FUT há a seguinte nota de rodapé, assinalada pelo número 1, entre parênteses, ao final deste verso e no rodapé: “O Niémen. Entre outras peças poéticas que falam do Niémen, há um soneto do poeta de que tomei a epígrafe, a respeito do qual diz Cristiano Ostrowski: ‘Há nesta página uma cantilena a que não resiste nenhum ouvido eslavo; foi posto em música pelo célebre Kurpinski. Assim consagrado, o soneto do Niémen correu toda a Polônia, e só deixará de viver quando as águas do rio de que fala cessarem de correr.’” O nome do crítico vem grafado “Ortrowski”. Em CRIS1864, a nota, ao final do volume (p. 169), vem precedida pelo título do poema, seguido da indicação de página (“Polônia – Pág. 89.”), com a transcrição deste verso e do anterior logo abaixo, e com a indicação da página em que estão os versos abaixo deles: “(Pág. 90).” Nessa edição, a nota tem a seguinte redação: “O rio a que aludem os versos é o Niémen. É um dos rios mais cantados pelos poetas polacos. Há um soneto de Mickiewicz ao Niémen, que me agradou muito, apesar da prosa francesa em que o li, e do qual escreve um crítico polaco: ‘Há nesta página uma cantilena a que não resiste nenhum ouvido eslavo; foi posta em música pelo célebre Kurpinski. Assim consagrado, o soneto do Niémen correu toda a Polônia, e só deixará de viver quando deixarem de correr as águas daquele rio.’” Em PCEC1976, a nota, precedida do n. VI, vem à p. 215, com a redação de CRIS1864, porém com o nome do rio alterado para “Nieven”. O texto da nota, em TPCL (p. 89), é idêntico ao de PCEC1976 (porém, sem o número VI). Em PCRR (p. 328), a nota vem como em CRIS1864. Em OCA2015 (v. 3, p. 629-630), a nota traz o n. VI (como em PCEC1976), mas com a redação de CRIS1864. Esta última edição (OCA2015) traz a observação – que devemos fazer também aqui – de que esta nota não vem em PC1901 (texto-base desta nossa edição). Em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994, também não há esta nota.

¹¹ veneranda;] veneranda, – em FUT.

¹² dos teus lares] de teus lares – em FUT.

¹³ A sanhuda cobiça dos tiranos] A cobiça dos reis no olhar cioso – em FUT.

¹⁴ espavorida] espavorida, – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁵ Sobre ti, moribunda,] Sobre ti moribunda – em FUT.

¹⁶ os duros opressores:] os feros opressores... – em FUT.

¹⁷ Se o caçador] Se o ígneo raio – em FUT.

¹⁸ ânsias,] ânsias – em PC1937.

Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos.¹⁹
Presas uma vez da ira dos tiranos,
30 Os membros retalhou-te²⁰
Dos senhores a esplêndida cobiça;
Em proveito dos reis a terra livre
Foi repartida, e os filhos teus – escravos –
Viram descer um véu de luto à pátria
35 E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não! – É glória o cativo,²¹
Quando a cativa, como tu, não perde
A aliança de Deus, a fé que alenta,
E essa²² união universal e muda
40 Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.²³

Um dia, quando o cálix da amargura,²⁴
Mártir, até às fezes esgotaste,²⁵
Longo tremor correu as fibras tuas;²⁶
Em teu ventre de mãe, a liberdade²⁷
45 Parecia²⁸ soltar esse vagido
Que faz rever o céu no olhar materno;
Teu coração estremeceu; teus lábios
Trêmulos de ansiedade e de esperança,²⁹
Buscaram aspirar a longos tragos
50 A vida nova nas celestes auras.³⁰
Então surgiu Kosciusko;³¹ →

¹⁹ Em FUT, depois deste verso há espaço de separação de estrofes. Em CRIS1864, o verso seguinte vem em alto de página. A separação das estrofes nos parece bastante razoável.

²⁰ Em PCEC1976 e em TPCL, este verso hexassílabo não vem deslocado para a direita (como os demais).

²¹ cativo,] cativo – em FUT e em CRIS1864.

²² E essa] É essa – em FUT.

²³ Em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes. Em PC1901 e em OCA1959, o verso seguinte vem em alto de página. Em CRIS1864, assim como em FUT, há separação de estrofes.

²⁴ Em PCRR, este verso (decassílabo) vem deslocado para a direita, alinhado com os hexassílabos.

²⁵ esgotaste,] esgotastes, – em TPCL.

²⁶ Em PC1937, depois deste verso há espaço de separação de estrofes.

²⁷ liberdade] liberdade, – em FUT.

²⁸ Parecia] Pareceu-te – em FUT.

²⁹ esperança,] esperança – em FUT.

³⁰ Em TPCL, depois deste verso há espaço de separação de estrofes. Em CRIS1864 (que TPCL pretendeu reconstituir), o verso seguinte vem em alto de página. A separação de estrofes nos parece bastante razoável.

³¹ Kosciusko;] Kosciusko – em FUT. Kosciusko (1746-1817): herói nacional da Polônia, liderou a revolta contra o Império Russo em 1794.

Pela mão do Senhor vinha tocado;³²
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
55 Chamou aos campos a nação caída.³³
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duelo atroz e infausto
Que a triste humanidade
Inda verá por séculos futuros.
60 Foi longa a luta; os filhos dessa terra
Ah! não³⁴ pouparam nem valor nem sangue!
A mãe via partir sem pranto os filhos,
A irmã o irmão, a esposa o esposo,
E todas abençoavam
65 A heroica legião que ia à conquista
Do grande livramento.³⁵

Coube às hostes da força
Da pugna o alto prêmio;³⁶
A opressão jubilosa
70 Cantou essa vitória de ignomínia;
E de novo, ó cativa, o véu de luto
Correu sobre teu rosto!³⁷
Deus continha³⁸
Em suas mãos o sol da liberdade,
E inda não quis que nesse dia infausto
75 Teu macerado corpo alumiasse.³⁹

Resignada à dor e ao infortúnio,
A mesma fé, o mesmo amor ardente
Davam-te a antiga força.
Triste viúva, o templo abriu-te as portas;⁴⁰ →

³² tocado;] tocado, – em FUT.

³³ caída.] polaca. – em FUT.

³⁴ não] Não – em TPCL.

³⁵ livramento.] livramento – em PCEC1976.

³⁶ prêmio;] prêmio, – em PC1937.

³⁷ sobre teu rosto!] sobre o teu rosto! – em FUT.

³⁸ Em FUT esta segunda parte do verso vem na mesma linha da primeira parte (linha anterior). Em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015, as palavras vêm alinhadas com os versos hexassílabos do poema.

³⁹ Em FUT, entre esta estrofe e a seguinte, vem esta estrofe de quatro versos: “Atada ao poste ignóbil / Da servidão, do escárnio moscovita, / Mais duma vez tentaste, / Polônia, espedaçar tuas cadeias!” Em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes. Em PC1937 e em PC1953, o verso seguinte vem em alto de página.

⁴⁰ portas;] portas – em FUT.

- 80 Foi a hora dos hinos e das preces;⁴¹
 Cantaste a Deus; tua alma consolada
 Nas asas da oração aos céus subia,⁴²
 Como a refugiar-se⁴³ e a refazer-se
 No seio do infinito.
- 85 E quando a força do feroz cossaco
 A casa⁴⁴ do Senhor ia buscar-te,
 Era ainda rezando
 Que te arrastavas pelo chão da igreja.⁴⁵

⁴¹ Em FUT, assinalada por asterisco entre parênteses ao final do verso (*), vem a seguinte nota de rodapé: “Alude às cenas de Varsóvia, em 1861, em que esse admirável povo ia aos templos cantar ladainhas sobre a música dos hinos nacionais, a despeito da invasão de tropa armada nas igrejas. É sabido que por esse motivo se fecharam os templos.” Em CRIS1864, ao final do volume (p. 170), abaixo deste verso, lá transcrito (com ponto-final), com a indicação da página em que ele se encontra – “(Pág. 93).” – entre o verso e a nota, as palavras são praticamente as mesmas: “Alude às cenas da Varsóvia, em que este admirável povo ia aos templos cantar ladainhas sobre a música dos hinos nacionais, a despeito da invasão da tropa armada nas igrejas. É sabido que por esse motivo se fecharam os templos.” Em PCEC1976, a nota, precedida do n. VII, vem à p. 215, com a redação de CRIS1864 (apenas com a substituição de “este” por “esse”). Em TPCL a nota vem à página 89, com a redação de PCEC1976 (sem o número VII). Em PCRR (p. 328), a nota vem assim, precedida pelo verso em itálico – “*Foi a hora dos hinos e das preces.*”: “Alude às cenas da Varsóvia, em que esse admirável povo ia aos tempos cantar ladainhas sobre a música dos hinos nacionais, a despeito da invasão da tropa armada nas igrejas. É sabido que por esse motivo se fecharam os templos.” Em OCA2015 (v. 3, p. 630), a nota traz o n. VII (como em PCEC1976), mas a redação (sem a vírgula depois de “Varsóvia”) é a de CRIS1864. Vale para esta nota a informação que consta da nota 10 – ela não vem em PC1901 (texto-base desta nossa edição). Em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994, também não há esta nota.

⁴² aos céus subia,] aos céus subia – em FUT; ao céu subia, – em PCEC1976 e em TPCL.

⁴³ refugiar-se] refugir-se – em FUT.

⁴⁴ A casa] À casa – em FUT, em CRIS1864, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Diante da expressão “Antes de chegar à casa”, que aparece no conto “Marcha fúnebre” (*Relíquias de casa velha*, 1906, p. 49-58), Laudelino Freire, nas “Anotações” que publicou no volume II – *Machado de Assis* – da Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, escreveu o seguinte: “Como se vê Machado de Assis é dos que admitem crase antes da palavra *casa*, com verbos de movimento. Há, porém, quem conteste, e com fundamento, a necessidade de crase nesses casos [...]” (p. 181) Neste verso não se trata da presença do sinal indicador de crase, mas de sua ausência. Laudelino Freire, na mesma anotação, dá o seguinte exemplo de Fernão Lopes: “‘Chegaram alguns deles *a casa* dum homem que chamavam João Vicente.’ (D. Fernando, c. 132)” (p. 181) A norma atual recomenda que se não empregue o sinal indicador de crase antes da palavra “casa” “quando desacompanhada de adjunto” (BECHARA, 2009, p. 310), com o sentido de “lar, morada, domicílio, residência” (JUCÁ FILHO, 1969, p. 131), mas que se use o sinal de crase quando a palavra vem “com alguma especificação” (NEVES, 2003, p. 164). Neste verso há especificação: “casa do Senhor”. Optamos pela forma que vem no texto-base, não só por ser a lição do texto-base, mas, também, pelo exemplo de Fernão Lopes. Sabemos que Machado de Assis lia, estudava e anotava os clássicos da língua portuguesa, e que sua sintaxe apresenta diversas características antigas ou “traços arcaizantes” (para usarmos a expressão de Antonio Candido – *Vários escritos*, 1977, p.17) – caso deste verso, por exemplo. A propósito da crase, escreveu Antônio Houaiss, nos critérios que preparou para a edição crítica de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pela Comissão Machado de Assis: “6.4.2.11 Atentar-se-á particularmente no respeito passivo do emprego da chamada crase. Fenômeno particularmente significativo de certos matizes ortoépicas brasileiros, em que lavram preconceitos gramaticais inúmeros, melhor assumir, em face dele, uma atitude conservadora, em lugar de procurar uma uniformidade e coerência que nenhum autor brasileiro do período do autor parece consignar.” (HOUAISS, 19967, v. 1, p. 295-296)

⁴⁵ Em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes. Em OCA1959, o verso seguinte vem em alto de página.

Pobre nação! – é longo o teu martírio;
90 A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
É propícia esta hora. O sol dos livres
Como que surge no dourado Oriente.⁴⁶
Não ama a liberdade
95 Quem não chora contigo⁴⁷ as dores tuas;⁴⁸
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua ressurreição, finada heroica!⁴⁹

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

FUT – *O Futuro*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. O acordar da Polônia. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. XIII, p. 425-428, 15 mar. 1863. Disponível em: <<https://rb.gy/lz29xf>>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

⁴⁶ Em FUT, depois deste verso, há espaço de separação de estrofes. Em CRIS1864 (e em TPCL, que pretendeu reconstituí-la), o verso seguinte vem em alto de página. A divisão de estrofes nos parece bastante razoável.

⁴⁷ Quem não chora contigo] Quem não sente contigo – em FUT; Quem não chora contido – em PCEC1976 e em TPCL.

⁴⁸ tuas;] tuas, – em FUT (nesta publicação, entre este verso e o seguinte, há estes dois outros versos: “E como tu, não vota um ódio eterno / Ao nefando poder das águias russas;”).

⁴⁹ heroica!] heroica; – em FUT (nesta publicação, o poema traz ainda estes dois versos: “Nem ver ainda entre as nações do globo / O nome e a glória da nação polaca.”; ao pé do poema, separada do último verso pelo travessão empregado para separar as estrofes, alinhada à margem esquerda, vem esta data, sem as aspas: “Março 1863.”; e, abaixo da data, alinhada à margem direita, vem assim a indicação de autoria, em caixa alta, sem as aspas: “MACHADO DE ASSIS.”).

- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1009.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- FREIRE, Laudelino. Anotações. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921. p. 157-181. [Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, v. II]
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.
- JUCÁ (filho), Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. (2ª tiragem). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1969.
- MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

ERRO*

Erro é teu. Amei-te um dia
 Com esse amor passageiro
 Que nasce na fantasia
 E não chega ao coração;
 5 Nem¹ foi amor, foi apenas
 Uma ligeira impressão;²
 Um querer indiferente,
 Em tua presença, vivo,
 Morto, se estavas ausente,³
 10 E se ora me vês esquivo,⁴
 Se, como outrora, não vês
 Meus incensos de poeta →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CRIS1864 (p. 57-58), JF (t. VII, p. 188-189, jun. 1869), PC1901 (p. 20-21), PC1937 (p. 27-28), PC1953 (p. 27-28), OCA1959 (v. III, p. 19), PCEC1976 (p. 146-147), OCA1994 (v. III, p. 24), TPCL (p. 42-43), PCRR (p. 44-45) e OCA2015 (v. 3, p. 392-393). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em CRIS1864, abaixo do título, entre parênteses, vem a data – “(1860.)” – e, abaixo da data, esta epígrafe: “Vous / Qui des combats du cœur n’aimez que la victoire / Et qui rêvez d’amour, comme on rêve de gloire, / L’œil fier et non voilé de pleurs . . . / GEORGE FARCY.” [Alteramos as grafias: “revèz/rêvez; rève/rêve; gloire/gloire”; des pleurs/de pleurs.] Em JF, o poema traz outro título – “AMOR PASSAGEIRO.” – e a mesma epígrafe: “Vous / Qui, des combats du cœur, n’aimez que la victoire, / Et qui rêvez d’amour comme on rêve de gloire, / L’œil fier et non voilé de pleurs / GEORGE FARCY.” [Alteramos as grafias: “rèvez/rêvez; rève/rêve”.] Em TPCL, a epígrafe (em itálico) reproduz o texto da de CRIS1864 – com “revez” no lugar de “revèz” e corrigida a grafia de “gloire”. Em PCRR, a epígrafe, com a redação de *Crisálidas*, vem transcrita (e traduzida) no rodapé. Os versos da epígrafe, de Jean-George Farcy (1803-1830), vêm na obra póstuma *Reliquiae* (1831), à p. 26, transcritos de um de seus papéis por Sainte-Beuve, autor da “Notice sur Jean-George Farcy” que precede os poemas do livro e que dá o ano de 1800 como o do nascimento do poeta. Uma curiosidade: ele esteve algumas semanas ou meses no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1828. Em *Reliquiae* (p. 71-76), o poema “Une nuit à bord d’un vaisseau sous les tropiques”, traz, depois do último verso, a indicação do lugar em que foi escrito: “Rio de Janeiro.” (Cf. FARCY, 1831; disponível em: <https://data.bnf.fr/fr/14440493/jean-georges_farcy/>.) Para mais informações sobre a epígrafe, ver MIASSO, 2017, p. 111.

¹ Nem] Não – em OCA1959, em OCA1994.

² impressão;] impressão, – em JF.

³ Em tua presença, vivo, / Morto, se estavas ausente.] Em tua presença vivo, / Nulo se estavas ausente. – em CRIS1864; Em tua presença – vivo, / Nulo – se estavas ausente; – em JF.

⁴ esquivo,] esquivo – em OCA1994.

15 Ir eu queimar a teus pés,
É que, – como obra de um dia,⁵
Passou-me essa fantasia.⁶

20 Para eu amar-te devias
Outra ser e não como eras.⁷
Tuas frívolas quimeras,
Teu vão amor de ti mesma,
Essa pêndula gelada
Que chamavas coração,
Eram bem fracos liames
Para que a alma enamorada
Me conseguissem prender;
25 Foram baldados tentames,
Saiu contra ti o azar,⁸
E embora pouca, perdeste⁹
A glória de me arrastar
Ao teu carro...¹⁰ Vãs quimeras!
30 Para eu amar-te devias
Outra ser e não como eras...¹¹

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

JF – *Jornal das Famílias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

⁵ É que, – como obra de um dia,] É que, como obra de um dia, – em JF, em PCRR e em OCA2015.

⁶ Em CRIS1864, depois deste verso há divisão de estrofes; em JF, não há divisão. Em PC1901 (texto-base desta edição), o verso subsequente vem no alto da página seguinte.

⁷ Outra ser e não como eras.] Outra ser, e não como eras; – em JF.

⁸ azar,] azar; – em JF.

⁹ E embora pouca, perdeste] E, embora pouca, perdeste – em JF, em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁰ Ao teu carro...] Em teu carro... – em JF.

¹¹ Outra ser e não como eras...] Outra ser, e não como eras! – em JF. Em JF, abaixo dos versos, junto à margem esquerda, vem esta data (sem as aspas): “1862.”, e, uma linha abaixo, alinhado à margem direita, vem o nome do autor (sem as aspas): “MACHADO DE ASSIS.”

Referências

- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. Amor passageiro. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, t. VII, p. 188-189, jun. 1869. Disponível em: <<https://rb.gy/707fc7>>.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- FARCY, Jean-George. Paris: Librairie Classique de L. Hachette, 1831.
- MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

ELEGIA*

A bondade choremos inocente
Cortada em flor que, pela mão da morte,
Nos foi arrebatada dentre a gente.¹
CAMÕES²

Se, como outrora, nas florestas virgens,
Nos fosse dado – o esquite que te encerra
Erguer a um galho de árvore frondosa,
Certo,³ não tinhas um melhor jazigo
5 Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes
Da florente estação, imagem viva
De teus cortados dias, e mais perto
Do clarão das estrelas.⁴

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (ano XLI, n. 165, p. 2, 17 jun. 1861), CRIS1864 (p. 59-63), PC1901 (p. 22-25), PC1937 (p. 29-32), PC1953 (p. 29-32), OCA1959 (v. III, p. 20-22), PCEC1976 (p. 148-151), OCA1994 (v. III, p. 25-27), TPCL (p. 43-46), PCRR (p. 45-47) e OCA2015 (v. 3, p. 393-395). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em DRJ, o poema vem na seção “VARIEDADE.”, com o título “SOBRE A MORTE // DE / LUDOVINA MOUTINHO.” Em CRIS1864, o poema tem outro título, traz subtítulo e data, assim dispostos: “LUDOVINA MOUTINHO. // ELEGIA. // (1861.)”. Em PC1937, o poema traz o título que vem na primeira edição e subtítulo, assim: “Ludovina Moutinho // *Elegia*”.

¹ A bondade choremos inocente / Cortada em flor que, pela mão da morte, / Nos foi arrebatada dentre a gente.] *A bondade choremos inocente, / Cortada em flor, que pelo mão da morte, / Nos foi arrebatada dentre a gente.* – em DRJ; *A bondade choremos, inocente / Cortada em flor que, pela mão da morte, / Nos foi arrebatada dentre a gente.* – em PCEC1976 e (em itálico) em TPCL. Em PCRR e em OCA2015, a epígrafe vem como no texto-base, mas em itálico. Os versos da epígrafe pertencem a uma elegia de autoria problemática – é apenas atribuída a Camões. A atribuição, porém, é recusada por todos os editores modernos. Segundo Maria de Lurdes Saraiva, foi publicada pela primeira vez por Álvares da Cunha em 1668. (Cf. CAMÕES, 1981, v. III, p. 435-443)

² CAMÕES] CAMÕES, *eleg.* XX. – em DRJ; CAMÕES. – *Elegias.* – em CRIS1864; CAMÕES. – em PC1901, em OCA1959 e em PCEC1976; CAMÕES. – *Elegias.* – em PC1937; CAMÕES. – *Elegias* – em PC1953.

³ Certo,] Certo – em PC1953, em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015.

⁴ Certamente a ideia do poeta vem de Chateaubriand, que em sua *Voyage en Amérique*, relatou o seguinte: “Quand un sauvage meurt l’hiver à la chasse, son corps est conservé sur les branches des arbres; on ne lui rend les derniers honneurs qu’après le retour des guerriers au village de sa tribu.” (CHATEAUBRIAND, 1857, p. 105-106)

10 Sobre teus pobres e adorados restos,
Piedosa a noite, ali derramaria⁵
De⁶ seus negros cabelos puro orvalho;⁷
À beira⁸ do teu último jazigo
Os alados cantores da floresta
Iriam sempre modular seus cantos;
15 Nem letra, nem lavor de emblema humano,
Relembraria a mocidade morta;
Bastava só que ao coração materno,
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,
Um aperto, uma dor, um pranto oculto,
20 Disse: – Dorme aqui, perto dos anjos,
A cinza de quem foi gentil transunto
De virtudes e graças.

25 Mal havia transposto da existência⁹
Os dourados umbrais; a vida agora
Sorria-lhe toucada dessas flores
Que o amor, que o talento e a mocidade
À uma repartiam.¹⁰

30 Tudo lhe era preságio alegre e doce;
Uma nuvem sequer não sombreava,
Em sua frente, o íris da esperança;
Era, enfim,¹¹ entre os seus a cópia viva
Dessa ventura que os mortais almejam,
E que raro a fortuna, avessa ao homem,
Deixa gozar na terra.¹²

⁵ Piedosa a noite, ali derramaria] Piedosa, a noite ali derramaria – em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁶ De] Se – em PC1937.

⁷ orvalho;] orvalho: – em DRJ.

⁸ À beira] À borda – em DRJ, em CRIS1864 e em PC1937.

⁹ existência] existência. – em PC1901 (erro tipográfico), em PCRR e em OCA2015.

¹⁰ Em DRJ, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes. “À uma” é locução adverbial pouco usada, que se encontra em dicionários com certa dificuldade – significa “ao mesmo tempo, concomitantemente.” (Cf. CEGALLA, 2009, p. 61; LUFT, 2010, p. 62)

¹¹ Era, enfim,] Era enfim – em DRJ.

¹² Em DRJ, entre esta estrofe e a seguinte há uma outra, com 10 decassílabos e 1 hexassílabo: “Filha d’arte, uma parte de seus sonhos / Nessa segunda mãe depositava; / A sua estrela começava apenas / A subir no horizonte, e a luz celeste / Da santa inspiração dos escolhidos / Já rutilava sobre a frente dela. / Oh! sem dúvida o gênio do teatro / A bafejara no seu berço, e um dia, / Pela mão do futuro coroado, / O seu busto gentil avultaria / Entre os filhos da glória.” Em OCA2015, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

35 Mas eis que o anjo pálido da morte
A pressentiu feliz¹³ e bela e pura,
E, abandonando a região do olvido,
Desceu à terra, e sob a asa negra
A fronte lhe escondeu; o frágil corpo¹⁴
40 Não pôde resistir; a noite eterna
Veio fechar seus olhos;
Enquanto a alma abrindo¹⁵
As asas rutilantes pelo espaço,
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,
45 No seio do infinito;¹⁶
Tal a assustada pomba, que na árvore
O ninho fabricou, – se a mão do homem¹⁷
Ou a impulsão do vento um dia abate¹⁸
O recatado asilo, – abrindo o voo,¹⁹
50 Deixa²⁰ os inúteis restos
E, atravessando airoso os leves ares,
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta,
E que lembrança! Os olhos fatigados
55 Parecem ver passar a sombra dela;
O atento ouvido inda lhe escuta os passos;
E as teclas do piano, em que seus dedos
Tanta harmonia despertavam antes,
Como que soltam essas doces notas
60 Que outrora ao seu contacto respondiam.²¹

Ah! pesava-lhe²² este ar da terra impura,
Faltava-lhe esse alento de outra esfera,
Onde, noiva dos anjos, a esperavam
As palmas da virtude.²³

¹³ A pressentiu feliz] A presentiu feliz, – em DRJ; A presentiu feliz – em CRIS1864, em PC1901 e em PC1937. O verbo “pressentir” estava dicionarizado como “presentir” no *Dicionário da língua portuguesa* (edições consultadas: 1789, 1813, 1823, 1831, 1858, 1877/1878 e 1890/1891), de Antônio de Moraes Silva – o que é coerente com a grafia de “preságio” (no verso 28), que ainda consta do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*.

¹⁴ A fronte lhe escondeu; o frágil corpo] A fronte lhe escondeu o frágil corpo; – em PC1937.

¹⁵ Enquanto a alma abrindo] Enquanto a alma, abrindo – em PC1953, em PCEC1976 e TPCL.

¹⁶ Em OCA1994, este verso foi deslocado para depois do verso n. 48 (na numeração adotada aqui).

¹⁷ fabricou, – se a mão do homem] fabricou, se a mão do homem – em DRJ.

¹⁸ Ou a impulsão do vento um dia abate] Ou a impulsão do vento, um dia abate – em DRJ. Em OCA1994, depois deste verso vem o verso que faltou depois do verso n. 44.

¹⁹ asilo, – abrindo o voo,] asilo, abrindo o voo, – em DRJ.

²⁰ Deixa] Deixe – em DRJ.

²¹ respondiam.] respondiam.... – em DRJ.

²² pesava-lhe] Pesava-lhe – em TPCL.

²³ virtude.] virtude – em PC1937. Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

65 Mas, quando assim a flor da mocidade
Toda se esfolha²⁴ sobre o chão da morte,
Senhor, em que firmar a segurança²⁵
Das venturas da terra? Tudo morre;²⁶
À sentença fatal nada se esquiva,
70 O que é fruto e o que é flor. O homem cego
Cuida haver levantado em chão de bronze
Um edifício resistente aos tempos,
Mas lá vem dia, em que,²⁷ a um leve sopro,
O castelo se abate,
75 Onde, doce ilusão, fechado havias²⁸
Tudo o que de melhor a alma do homem
Encerra de esperanças.²⁹

Dorme, dorme tranquila
Em teu último asilo; e se eu não pude
80 Ir espargir também algumas flores
Sobre a lájea da tua sepultura;
Se não pude, – eu que há pouco³⁰ te saudava
Em teu erguer, estrela, – os tristes olhos³¹
Banhar nos melancólicos fulgores,
85 Na triste luz do teu recente ocaso,
Deixo-te ao menos nestes pobres versos
Um penhor de saudade, e lá na esfera³²
Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo,³³
Possas tu ler nas pálidas estrofes
90 A tristeza do amigo.³⁴

²⁴ esfolha] desfolha – em CRIS1864 (corrigido na errata).

²⁵ segurança] segurança, – em DRJ.

²⁶ Tudo morre:] Tudo morre: – em DRJ (com dúvida pela má impressão e pela digitalização).

²⁷ Mas lá vem dia, em que,] Mas lá vem dia em que, – em OCA2015.

²⁸ havias] havia – em TPCL.

²⁹ Em OCA2015, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

³⁰ Se não pude, – eu que há pouco] Se não pude, eu que há pouco – em DRJ.

³¹ estrela, – os tristes olhos] estrela, os tristes olhos – em DRJ. Na passagem entre travessões, o poeta refere-se aos seguintes versos (duas quadras), que publicara em *A Primavera* (v. I, n. 3, p. 24, 17 mar. 1861): “NO ÁLBUM / DA ARTISTA LUDOVINA MOUTINHO. // Cedo começa a buscar no espaço, / Gentil romeira, a estrela do porvir; / Deus que abençoa as lutas do talento / Há de ao esforço teu o espaço abrir. // Para alcançar o astro peregrino / O teu talento um largo rumo tem: / De tua mãe os voos acompanha, / Que onde ela foi tu chegarás também. // M. A.”

³² saudade, e lá na esfera] saudade; e lá na esfera, – em DRJ.

³³ cedo,] cedo – em DRJ. Este verso, considerado isoladamente, é hendecassílabo; entretanto, no poema, o “A” inicial de “Aonde” se funde ao “a” final de “esfera”, última palavra do verso anterior – com isso, o verso passa a decassílabo, com acentos na sexta e na décima sílabas.

³⁴ Em DRJ, ao pé dos versos vem o nome do autor: “MACHADO DE ASSIS.” Em PC1937 e em PC1953, ao pé dos versos, vem esta data: “1861.”

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ASSIS, Machado de [M. A.]. No álbum da artista Ludovina Moutinho. *A Primavera*, Rio de Janeiro, v. I, n. 3, p. 24, 17 mar. 1861.
- ASSIS, Machado de. Sobre a morte de Ludovina Moutinho. *Diário do Rio de Janeiro*, ano XLI, n. 165, p. 2, 17 jun. 1861. [Variedade.]
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

CAMÕES, Luís de. *Lírica completa III*. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Vila da Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.

CEGALLA, Domingos Pachoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

CHATEAUBRIAND. *Voyage en Amérique*. Illustré de gravures sur acier. Paris: Gabriel Roux, 1857.

LUFT, Celso Pedro. *Abc da língua culta*. Org. e supervisão de Lya Luft. Coord. Marcelo Módolo. São Paulo: Globo, 2010. p. 62.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2v.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia Lacerdina, 1813. 2v.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia de M. P. de Lacerda, 1823. 2v.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Impressão Régia, 1831. 2v.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha, 1858. 2v.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1877/1878. 2v.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Empresa Literária Fluminense de A. A. da Silva Lobo, 1890/1891. 2v.

Endereços eletrônicos

<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

SINHÁ*

O teu nome é como o óleo derramado.¹
*Cântico dos Cânticos.*²

Nem o perfume que expira
A flor, pela tarde amena,³
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
5 Nas brandas cordas da lira;
Nem o murmúrio da veia
Que abriu sulco pelo chão⁴
Entre margens de alva areia,
Onde⁵ se mira e recreia
10 Rosa fechada em botão;⁶

Nem o arrulho enternecido
Das pombas, nem do arvoredos⁷
Esse amoroso arruído⁸
Quando escuta algum segredo
15 Pela brisa repetido; →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FUT (ano I, n. XV, p. 495, 15 abr. 1863), CRIS1864 (p. 55-56), PC1901 (p. 26-27), PC1937 (p. 33), PC1953 (p. 33), OCA1959 (v. III, p. 22), PCEC1976 (p. 152), OCA1994 (v. III, p. 27), TPCL (p. 41-42), PCRR (p. 48) e OCA2015 (v. 3, p. 396). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em CRIS1864, o poema traz, abaixo do título, entre parênteses, estas palavras: “(NUM ÁLBUM. – 1862.)”.

¹ O teu nome é como o óleo derramado.] O teu nome é como o óleo derramado – em PC1901 (erro tipográfico), em PC1937; *O teu nome é como o óleo derramado* – em TPCL e PCRR; *O teu nome é como o óleo derramado.* – em OCA2015.

² *Cântico dos Cânticos.*] SALOMÃO. – *Cânt. dos Cânt.* – em FUT (nesta publicação, entre a epígrafe e o primeiro verso há um travessão); SALOMÃO. – *Cântico dos Cânticos.* – em CRIS1864; CÂNTICO DOS CÂNTICOS – em PCEC1976, em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

³ amena,] amena; – em FUT.

⁴ chão] chão, – em FUT.

⁵ Onde] E onde – em FUT.

⁶ Em FUT, no espaço de separação de estrofes há um travessão.

⁷ Das pombas, nem do arvoredos] Das pombas nem do arvoredos – em OCA1994.

⁸ arruído] arruído, – em FUT.

20 Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!⁹

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

FUT – *O Futuro*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. Sinhá. *O Futuro*, Rio de Janeiro, ano I, n. XV, p. 495, 15 abr. 1863.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

⁹ Em FUT, ao pé dos versos, vêm a data e a indicação de autoria: “1862 – MACHADO DE ASSIS.”

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

HORAS VIVAS*

Noite:¹ abrem-se as flores...²
Que esplendores!
Cíntia³ sonha amores
Pelo céu.⁴
5 Tênuas as neblinas⁵
Às campinas
Descem das colinas,⁶
Como um véu.⁷

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (ano XLIV, n. 211, p. 1, 1º ago. 1864), CRIS1864 (p. 101-103), PC1901 (p. 28-29), PC1937 (p. 34-35), PC1953 (p. 34-35), OCA1959 (v. III, p. 22-23), PCEC1976 (p. 153-154), OCA1994 (v. III, p. 27), TPCL (p. 62-63), PCRR (p. 48-49) e OCA2015 (v. 3, p. 396-397). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em DRJ, os versos vêm numa crônica da série “Ao acaso”, atribuídos a “um poeta”. A crônica, que saía aos domingos, nesse dia saiu numa segunda-feira; o poeta se justifica assim (é neste contexto que os versos aparecem): “Antes de concluir devo dar uma explicação aos meus leitores habituais. / Apareço algumas vezes à segunda-feira, – hoje como na semana passada; mas isso não quer dizer que eu tenha mudado o meu dia próprio, que é o domingo. / A profissão do folhetim não é ser exato como um relógio; e ainda assim, todos sabem como, até na casa dos relojoeiros, os relógios divergem entre si. / Se é lícito ao relógio variar, não é ao folhetim que se deve pedir uma pontualidade de Monte-Cristo. / Eu cismo os meus folhetins sempre a horas mortas, e acontece que nem sempre posso fazê-lo a tempo de aparecer no domingo. / Fiquem avisados. / Disse – horas mortas – para seguir a linguagem comum; mas haverá acaso horas mais vivas que as da noite? / É esta pelo menos a opinião de um poeta nos seguintes versos, escritos no álbum de uma senhora de espírito.” E seguem os versos (com as variantes que vão anotadas nesta edição). Ao pé da crônica, depois do último verso, vêm as iniciais do cronista: “M. A.” Em CRIS1864, abaixo do título, vem: “NO ÁLBUM DA EXMA. SRA. D. C. F. DE SEIXAS. // (1864)”. Ubiratan Machado informa que a senhora era Carlota Ferreira de Seixas, a quem Machado de Assis ofereceu um exemplar do livro (*Crisálidas*), “em testemunho de respeito e amizade”. (Cf. MACHADO, 2008, p. 162 e p. 313) O poema foi transcrito por um crítico (A. A.), que o deu por inédito e dando a entender que o tomou diretamente ao álbum de uma senhora, em *O Paiz* (p. 2, 4 jan. 1896). Essa transcrição (disponível em: <<https://rebrand.ly/8512c>>), com variantes, não foi levada em conta nesta edição.

¹ Noite:] Noite; – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

² flores...] flores.... – em DRJ.

³ Cíntia é nome poético da lua.

⁴ céu.] céu! – em DRJ.

⁵ as neblinas] os neblinas – em CRIS1864 e em PC1901 (erro tipográfico).

⁶ colinas.] colinas – em DRJ.

⁷ véu.] véu! – em DRJ.

Mãos em mãos travadas,
10 Animadas,⁸
Vão aquelas fadas
Pelo ar;⁹
Soltos os cabelos,¹⁰
Em novelos,
15 Puros, louros, belos,¹¹
A voar.¹²

– “Homem,¹³ nos teus dias
Que agonias,¹⁴
20 Sonhos, utopias,¹⁵
Ambições;¹⁶
Vivas e fagueiras,
As primeiras,
Como as derradeiras
Ilusões!¹⁷

25 – “Quantas,¹⁸ quantas vidas
Vão perdidas¹⁹
Pombas malferidas
Pelo mal!
Anos após anos,
30 Tão insanos,
Vêm os desenganos
Afinal.²⁰

– “Dorme:²¹ se os pesares
Repousares, →

⁸ Animadas,] E abraçadas, – em DRJ.

⁹ ar;] ar. – em DRJ; ar: – em PC1937.

¹⁰ cabelos,] cabelos – em TPCL.

¹¹ belos,] belos – em OCA1994.

¹² voar,] voar! – em DRJ.

¹³ – “Homem,] “– Homem, – em DRJ; “Homem, – em OCA1959, em OCA1994 e em TPCL.

¹⁴ agonias,] agonias! – em DRJ.

¹⁵ Em PCEC1976, este verso está deslocado para a direita, alinhado aos trissílabos.

¹⁶ Ambições;] Ambições! – em DRJ. Em PCEC1976, este verso está deslocado para a esquerda, quase alinhado aos pentassílabos.

¹⁷ Ilusões!] Ilusões. – em DRJ. Em OCA1959, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁸ – “Quantas,] “– Quantas, – em DRJ; Quantas, – em OCA1959 e em OCA1994; “Quantas, – em TPCL; – Quantas, – em PCRR e em OCA2015.

¹⁹ perdidas] perdidas! – em DRJ; perdidas, – em CRIS1864, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

²⁰ Afinal,] Afinal! – em DRJ.

²¹ – “Dorme:] “– Dorme: – em DRJ; Dorme: – em OCA1959 e em OCA1994; “Dorme: – em TPCL; – Dorme: – em PCRR e em OCA2015.

35 Vês? – por estes ares²²
Vamos rir;²³
Mortas, não; festivas,²⁴
E lascivas,
Somos – *horas vivas*
40 De dormir! –²⁵

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PC1901 – *Poesias completas*, 1901.

PC1937 – *Poesias completas*, 1937.

PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. Ao acaso. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 211, p. 1, 1º ago. 1864.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

²² Vês? – por estes ares] Vês? por estes ares – em DRJ.

²³ rir;] rir. – em DRJ.

²⁴ festivas,] festivas – em DRJ.

²⁵ De dormir! –] De dormir!” (com ponto de exclamação e aspas, sem o travessão) – em DRJ; De dormir –” (com travessão e aspas somente) – em PC1901 e em PC1937; De dormir. –” (com ponto-final, travessão e aspas) – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em OCA2015; De dormir.” (com ponto-final e aspas) – em TPCL. Em DRJ, a crônica do folhetim “Ao acaso” termina por esses versos; ao pé deles vem a indicação de autoria: “M. A.”

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

VERSOS A CORINA*

Tacendo il nome di questa gentilissima.

DANTE¹

I²

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
Numa hora de amor, de ternura e desejo,
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor, →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CM (n. 80, p. 2, 21 mar. 1864 – apenas a parte I, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte; n. 85, p. 2, 26 mar. 1864 – apenas a parte II, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte; n. 91, p. 2, 2 abr. 1864 – apenas a parte III, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte), DRJ (ano XLIV, n. 104, p. 3, 16 abr. 1864 – apenas a parte IV, sob o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedade.”, sem indicação numérica da parte e sem epígrafe; ano XLIV, n. 109, p. 2, 21 abr. 1864 – apenas a parte V, sob o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedade.”, sem indicação numérica da parte, com epígrafe), RCPB (v. V, p. 256-258, ago. 1864 – apenas a parte I, com o título “Versos a Corina”, sem indicação numérica da parte), CRIS1864 (p. 123-154), BP (ano II, n. 46, p. 346, 16 dez. 1900 – apenas a parte I, com o título “Versos a Corina”), PC1901 (p. 30-49), PC1937 (p. 36-51), PC1953 (p. 36-51), OCA1959 (v. III, p. 23-33), PCEC1976 (p. 155-171), OCA1994 (v. III, p. 28-37), TPCL (p. 72-85), PCRR (p. 50-63) e OCA2015 (v. 3, p. 397-408). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Na primeira edição em livro (CRIS1864), o poeta pôs, ao final do volume (p. 172) esta nota sobre as diversas partes de “Versos a Corina”: “VERSOS A CORINA. – Pág 123. // As três primeiras partes desta coleção foram publicadas sob o anônimo nas colunas do *Correio Mercantil*; a quarta e quinta saíram no *Diário do Rio*, sendo esta última assinada. A sexta é inteiramente inédita.” Sobre o ineditismo da última parte, ver nota 158 à parte VI do poema.

¹ Em CRIS1864, o título do poema vem em frontispício divisório (p. 123), com estes dizeres: “VERSOS A CORINA / ——— / Tacendo il nome di questa gentilissima. / ——— / DANTE. / (1864).” As palavras tomadas para epígrafe são de um trecho em prosa da *Vita nuova*, de Dante Alighieri (1265-1321). Em CM, não há epígrafe. Em RCPB, sob o título, vem esta epígrafe: “Car la beauté tue / Qui l’a vue, / Elle enivre et tue. // A. BRIZEUX.” (o nome do poeta vem grafado “A. BRIZEUX”). Em BP os versos vêm em duas colunas; no alto da coluna da direita vem assim a epígrafe: “Car la beauté tue / Qui l’a vue / Elle enivre et tue. // A. BRIZEUX.” (nesta epígrafe vem “Par” no lugar de “Car”, e o nome do poeta vem grafado “BRIZEUX”); no alto da coluna da esquerda, antes dos versos, vem um retrato do autor, com a legenda: “MACHADO D’ASSIS”. Em CRIS1864, na parte I do poema, entre o número e o primeiro verso, a epígrafe vem assim: “Car la beauté tue / Qui l’a vue, / Elle enivre et tue. // A. BRIZEUX.” (o nome do poeta vem grafado “A. BRIZEUX”). Os versos são do poema “A Diana”, de Auguste Brizeux (1860, p. 157) (1803-1858) – escritor francês de origem bretã, que se dedicou principalmente à poesia, traduziu para o francês (em terças-rimas) a *Divina comédia*, e foi membro da Academia Francesa.

² Em CM, em RCPB e em BP, não há o número I.

- 5 Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;³
 Depois, depois vestindo a forma peregrina,
 Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!⁴
- 10 De um júbilo divino os cantos entoava
 A natureza mãe, e tudo palpitava,
 A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude,⁵
 De uma vida melhor e nova juventude.
- 15 Minh'alma⁶ adivinhou a origem do teu ser;
 Quis cantar e sentir; quis amar e viver;
 À luz⁷ que de ti vinha, ardente,⁸ viva, pura,
 Palpitou, reviveu a pobre criatura;
 Do amor grande, elevado,⁹ abriram-se-lhe as fontes;¹⁰
 Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes;
 Surgiu, abrindo em flor, uma nova região;¹¹
 Era o dia marcado à minha redenção.¹²
- 20 Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:
 Corpo de fascinar, alma de querubim;¹³ →

³ Alexandrino curioso (em Machado de Assis): tem acento em todas as sílabas pares (inclusive na sexta), e, pelo sentido, os acentos mais importantes recaem na quarta, na oitava e na décima segunda – o que o torna um verso trimembre. Essa forma tripartida do verso é conhecida como alexandrino romântico.

⁴ Em CM, as estrofes são separadas por três asteriscos, em forma de triângulo (* * *).

⁵ bronca e rude,] bronca e rude – em CM; branca e rude – em RCPB e em BP.

⁶ Minh'alma] Minha alma – em CM, em RCPB e em BP.

⁷ À luz] A luz – em PC1901, em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. É dificuldade notável a questão da presença ou ausência de crase no início deste verso. Havia crase nas duas primeiras publicações do poema, no *Correio Mercantil* (1864) e em *Crisálidas* (1864). O sinal de crase desapareceu na edição das *Poesias completas* (1901). O poeta não corrigiu o verso na errata; e sabemos serem suas erratas muito incompletas. Sabemos, também, que na edição de 1901 o poeta optou por uma versão mais arcaizante no verso n. 25 de “Musa consolatrix”, em que substituiu o verbo “ter” por “haver” (com o sentido de “ter”). Se o poeta tivesse optado pela ausência de crase, teríamos nos dois versos um sabor igualmente arcaizante: “A luz que de ti vinha, ardente, viva, pura, / Palpitou, reviveu a pobre criatura;” – neste caso, os verbos “palpitar” e “reviver” teriam os sentidos de “fazer palpitar” e “fazer reviver”, e a expressão “A luz” seria o sujeito do período; se, alternativamente, houvesse optado pela crase, teríamos um período de sabor mais moderno, de mais fácil compreensão, em que “a pobre criatura” assumiria a função de sujeito. Assim, a situação que se desenha é esta: ou há crase, caso em que teria havido falha tipográfica na edição de 1901; ou não há crase, porque o poeta teria preferido uma estrutura mais complexa. Optamos, nesta nossa edição, pela primeira possibilidade – afinal, os erros tipográficos (não corrigidos na errata) são relativamente frequentes na edição de 1901.

⁸ vinha, ardente,] vinha ardente, – em CM.

⁹ grande, elevado,] grande elevado – em OCA1994.

¹⁰ fontes;] fontes, – em CM, em RCPB e em BP.

¹¹ região;] religião; – em BP.

¹² Em PC1901, em PC1937 em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de divisão de estrofes. Há esse espaço em CM e em CRIS1864. A lógica dos versos pede essa divisão; tudo somado (ver nota 13), optamos por adotá-la nesta edição (como, aliás, o fizeram os editores de PCEC1976).

¹³ querubim;] querubim – em TPCL. Em PC1901, há espaço de divisão de estrofes depois deste verso. Tudo indica erro tipográfico nessa edição; o espaço de divisão de estrofes anterior foi deslocado para depois deste verso. Em PC1937 e em PC1953, o verso seguinte vem em alto de página.

Era assim:¹⁴ frente altiva e gesto soberano,
Um porte de rainha a um tempo meigo e ufano,¹⁵
Em olhos senhoris uma luz tão serena,
E grave como Juno, e bela como Helena!¹⁶
25 Era assim, a mulher que extasia e domina,
A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!¹⁷

Neste fundo sentir, nesta fascinação,¹⁸
Que pede do poeta o amante coração?¹⁹
Viver como nasceste, ó beleza, ó primor,
30 De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

Viver, – fundir²⁰ a existência
Em um ósculo de amor,
Fazer de ambas – uma essência,
Apagar outras lembranças,
35 Perder outras ilusões,
E ter por sonho melhor
O sonho das esperanças
De que a única²¹ ventura
Não reside em outra vida,²²
40 Não vem²³ de outra criatura;
Confundir olhos nos olhos,²⁴
Unir um seio a outro seio,²⁵
Derramar as mesmas lágrimas
E tremer do mesmo enleio,
45 Ter o mesmo coração,²⁶
Viver um do outro viver...²⁷
Tal era a minha ambição.²⁸

¹⁴ Era assim:] Era assim, – em BP.

¹⁵ meigo e ufano,] meigo, ufano, – em CM, em RCPB e em BP.

¹⁶ e bela como Helena!] e belo como Helena! – em OCA1994. Em OCA2015, depois deste verso há espaço de separação de estrofes.

¹⁷ Em OCA2015, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁸ fascinação,] frscinação, – em CM (erro tipográfico); muda ansiedade – em RCPB e em BP.

¹⁹ Que pede do poeta o amante coração?] Deixa-me ao teu fulgor, astro da mocidade, – em RCPB e BP.

²⁰ Viver, – fundir] Viver – fundir (com travessão, sem vírgula) – em CM, em RCPB e em BP.

²¹ única] nnica – em CM (erro tipográfico); última – em BP.

²² Não reside em outra vida,] Não reside – em outra vida, – em CM, em RCPB e em BP.

²³ Não vem] Nem vem – em CM, em RCPB e em BP.

²⁴ Em RCPB e em BP, falta este verso.

²⁵ Este verso apresenta um encontro vocálico complexo, que apenas com alguma deformação na pronúncia deixaria o verso com as sete sílabas que têm os demais – pronunciado normalmente, ele tem oito sílabas: “U/nir / um / sei/o a / ou/tro / sei/o”. Haveria uma solução fácil: “U/nir / a um / sei/o ou/tro / sei/o) – esta forma, porém, parece retirar do “eu” a iniciativa do abraço, e transferi-la para a amante (o que não parecia fazer sentido, na época do autor). A síncope de vogais no verso – “U/nir / um / sei’ / ou/tro / sei/o” – parece ter o efeito da desejada “fusão” entre os dois amantes, de que fala o poeta.

²⁶ coração,] coração – em BP.

²⁷ Viver um do outro viver...] Viver um do outro viver... – em CM; A mesma vida viver – em RCPB e em BP.

²⁸ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

50 Donde viria a ventura
 Desta vida? Em que jardim
 Colheria esta²⁹ flor pura?
 Em que solitária fonte
 Esta água iria beber?³⁰
 Em que encendido³¹ horizonte
 Podiam³² meus olhos ver
55 Tão meiga, tão viva estrela,³³
 Abrir-se e resplandecer?
 Só em ti: – em ti que és bela,³⁴
 Em ti que a paixão respiras,
 Em ti cujo olhar se embebe
60 Na ilusão de que deliras,
 Em ti, que³⁵ um ósculo de Hebe³⁶
 Teve a singular virtude
 De encher, de animar teus dias,
 De vida e de juventude...³⁷
65 Amemos! diz³⁸ a flor à brisa peregrina,
 Amemos! diz³⁹ a brisa, arfando em torno à flor;
 Cantemos esta lei e vivamos, Corina,
 De uma fusão do ser,⁴⁰ de uma efusão do amor.⁴¹

²⁹ esta] essa – em OCA2015.

³⁰ Em que solitária fonte / Esta água iria beber?] De que solitária fonte / Iria esta água beber? – em RCPB e em BP; Em que solitária fonte / Essa água iria beber? – em OCA2015.

³¹ encendido] incendiado – em RCPB, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em PCRR e em OCA2015; incêndio – em BP.

³² Podiam] Poderia – em BP.

³³ estrela,] estrela – em RCPB e em BP.

³⁴ bela,] bela – em CM, em RCPB e em BP.

³⁵ Em ti, que] Em ti que – em CM, em RCPB e em BP.

³⁶ Hebe, filha de Zeus e Hera, tinha o privilégio da eterna juventude, da qual é a personificação.

³⁷ juventude...] juventude.... – em RCPB e em CRIS1864.

³⁸ diz] Diz – em RCPB, em BP e em TPCL.

³⁹ diz] Diz – em TPCL.

⁴⁰ do ser,] de ser, – em RCPB e em BP.

⁴¹ Em CM, ao pé dos versos vêm (no lugar da indicação de autoria) dois asteriscos: “* *”; em RCPB e em BP, abaixo dos versos vem: “Rio de Janeiro, 1864. // MACHADO DE ASSIS.”

II⁴²

70 A minha alma,⁴³ talvez, não é tão pura,⁴⁴
Como era pura nos primeiros dias;
Eu sei:⁴⁵ tive choradas agonias
De que conservo alguma nódoa escura,⁴⁶

75 Talvez. Apenas à manhã da vida
Abri meus olhos virgens e minha alma,⁴⁷
Nunca mais respirei a paz e a calma,
E me perdi na porfiosa lida.

80 Não sei que fogo interno me impelia
À conquista da luz, do amor, do gozo,
Não sei que movimento imperioso
De um desusado ardor minha alma⁴⁸ enchia.

⁴² Esta parte II, antes das edições em livro, apareceu em CM (p. 2, 26 mar. 1864, com o título “Versos a Corina.”, na seção “Variedades.”, sem indicação numérica da parte). Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “Mon pauvre cœur, reprends ton sublime courage / Et me chantes ta joie et ton déchirement. – // A. HOUSSAYE.” Esta epígrafe foi tomada à obra de Arsène Houssaye intitulada “Le cantique des cantiques”, livre III, “L’enfer”. (HOUSSAYE, 1852, p. 35) Arsène Houssaye (1815-1896) foi jornalista, crítico de arte, dramaturgo, romancista e poeta. Ver: <https://data.bnf.fr/fr/11907807/arsene_houssaye/>.

⁴³ A minha alma,] A minh’alma, – em CM.

⁴⁴ pura,] pura. – em PC1937; pura – em PC1953, em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015. Neste verso, a ideia expressa é de dúvida – “talvez” –, o que torna, digamos, irregular, o presente do indicativo do verbo “ser”; a forma esperada seria “fosse” ou “seja”. Leite de Vasconcelos, sobre esses usos “irregulares” de tempos e modos verbais, afirma: “A rima e o metro fazem também que os verbos se empreguem indevidamente em certos modos e tempos, o que tanto acontece na literatura popular, como na culta.” (VASCONCELOS, 1959, p. 374) Parece-nos, ainda, que o emprego do presente do indicativo ocorria até mesmo na prosa de autores clássicos da língua portuguesa, em situações hipotéticas, como nesta passagem de João de Barros (anotada por Machado de Assis e publicada por Mário de Alencar): “– Não faça o príncipe alguma cousa duvidando se é mal ou bem, porquanto a verdade *onde quer que está*, ela se mostra e dá lume de si, e pelo contrário o duvidar é sinal que se não faz o que é razão. – João III – 79.” (ASSIS, 2021, p. 41 e p. 97; grifo nosso)

⁴⁵ Eu sei:] Eu sei; – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁴⁶ escura,] escura. – em CM e em PC1937.

⁴⁷ minha alma,] minh’alma, – em CM.

⁴⁸ minha alma] minh’alma – em CM.

- Corri de campo em campo e plaga em plaga.⁴⁹
(Tanta ansiedade o coração encerra!)
A ver o lírio que brotasse a terra,⁵⁰
A ver a escuma que cuspiisse – a vaga.
- 85 Mas, no areal da praia, no horto agreste,
Tudo aos⁵¹ meus olhos ávidos fugia...⁵²
Desci ao chão do vale que se abria,
Subi ao cume da montanha alpestre.
- 90 Nada! Volvi⁵³ o olhar ao céu. Perdi-me
Em meus sonhos de moço e de poeta;
E contemplei,⁵⁴ nesta ambição inquieta,
Da muda noite a página sublime.⁵⁵
- 95 Tomei nas mãos a cítara saudosa⁵⁶
E soltei entre lágrimas um canto.⁵⁷
A terra brava recebeu meu pranto
E o eco repetiu-me a voz chorosa.⁵⁸
- Foi em vão. Como⁵⁹ um lânguido suspiro,
A voz se me calou, e do ínvio monte →

⁴⁹ plaga.] plaga – em PC1937; plaga, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL. Devemos observar que o ponto-final existe nas três edições feitas sob as vistas do autor. Decidimos manter a pontuação dessas edições por algumas razões, que damos a seguir. O ponto-final isola o primeiro verso dos seguintes; o período tem sentido completo. Abaixo dele, há uma expressão intercalada, exclamativa, que dá ideia da força emotiva para a qual o poeta buscava expressão. A introdução de uma vírgula aí vincularia os versos terceiro e quarto diretamente ao primeiro – conferindo-lhe uma “lógica” que ele não tem em si mesmo. O poeta corria pelos campos e plagas movido pelo desatino amoroso – não à procura de lírios ou da escuma das ondas. Julgamos ver nesta pontuação valor expressivo; está aí a diferença que vai do poeta aos gramáticos. Reconhecemos, entretanto, que pode até ser que, se vivesse ainda o autor, ele desse razão aos gramáticos...

⁵⁰ a terra,] à terra, – em PC1937.

⁵¹ aos] ao – em OCA1959.

⁵² fugia...] fugia.... – em CM; fugia..... – em CRIS1864.

⁵³ Volvi] Voltei – em CM.

⁵⁴ E contemplei,] E contemplei. – em PC1901 (erro tipográfico).

⁵⁵ sublime.] sublime! – em CM.

⁵⁶ saudosa] saudosa, – em CM e em CRIS1864.

⁵⁷ canto.] canto... – em CM e em CRIS1864.

⁵⁸ chorosa.] chorosa.... – em CM.

⁵⁹ Esse “Como” talvez seja “Com”. Nenhum editor ousou corrigir a passagem, e ela não está corrigida em erratas. Um “lânguido suspiro” não nos parece um bom símile para o “silêncio” da voz que se calou; afinal, o suspiro é ainda algo que soa. Além disso, as erratas machadianas costumavam deixar passar muitos erros – veja-se, por exemplo, a da primeira edição de *Crisálidas* (1864) e, também, a das *Poesias completas*, que não corrigem o verso n. 108 deste poema, onde se deve ler “fui” no lugar de “foi”. Ocorre duas vezes nesta estrofe a palavra “como” – no primeiro e no quarto versos. A prevalecer o primeiro “como”, as informações auditivas estariam separadas das visuais (apenas a estas diria respeito o segundo “como”). Se no lugar do primeiro “como” lêssemos “com”, os três primeiros versos da estrofe comporiam uma totalidade que entraria em relação com o último verso através do “como” que o inicia. Parece-nos mais provável esta segunda hipótese.

100 Olhei ainda as linhas do horizonte,
Como se olhasse o último retiro.

Nuvem negra e veloz corria solta⁶⁰
O anjo da tempestade anunciando;
Vi ao longe as alcíones cantando
Doidas⁶¹ correndo à flor da água revolta.

105 Desiludido, exausto, ermo, perdido,
Busquei a triste estância do abandono,
E esperei,⁶² aguardando o último sono,
Volver à terra, de que fui⁶³ nascido.

– “Ó Cibele⁶⁴ fecunda, é no remanso
110 Do teu seio – que⁶⁵ vive a criatura,⁶⁶
Chamem-te outros morada triste e escura,
Chamo-te glória, chamo-te descanso!”⁶⁷

Assim falei. E murmurando aos ventos
Uma blasfêmia atroz – estreito abraço
115 Homem e terra uniu,⁶⁸ e em longo espaço
Aos ecos repeti meus vãos lamentos.⁶⁹

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
120 Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Com⁷⁰ um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia.
Ergui-me logo do chão,⁷¹
125 E pousei meus olhos fundos →

⁶⁰ solta] solta, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁶¹ Doidas] Doudas – em PC1937.

⁶² E esperei,] Esperei, – em PCEC1976 e em TPCL.

⁶³ fui] foi – em CRIS1864 (erro não corrigido na errata), em PC1901 (erro não corrigido na errata), em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994 e em PCRR.

⁶⁴ – “Ó Cibele] “Ó Cibele (sem o travessão) – em OCA1959 e em OCA1994.

⁶⁵ seio – que] seio que – em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

⁶⁶ criatura,] criatura; – em CM, em CRIS1864, em OCA1959 e em OCA1994; criatura. – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

⁶⁷ descanso!]” descanso!” – (com travessão depois das aspas) – em CM.

⁶⁸ uniu,] uniu – em CM.

⁶⁹ Em CM, entre esta estrofe e a seguinte há três asteriscos, dispostos em forma de triângulo (* * *).

⁷⁰ Com] Como – em CM, em CRIS1864, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. É possível que “como” seja a solução correta; entretanto, “com” também faz sentido – e o autor não corrigiu a passagem na errata. Embora as erratas machadianas sejam notavelmente incompletas (ver nota 58), acatamos a lição do texto-base nesta edição.

⁷¹ chão,] chão – em CM.

Em teus olhos soberanos,
Ardentes, vivos, profundos,
Como os olhos da beleza
Que das escumas nasceu...⁷²
130 Eras tu, maga visão⁷³
Eras tu o ideal sonhado
Que em toda a parte busquei,
E por quem houvera dado
A vida que fatiguei;
135 Por quem verti tanto pranto,
Por quem nos longos espinhos
Minhas mãos, meus pés sangrei!⁷⁴

Mas⁷⁵ se minh'alma, acaso, é menos pura⁷⁶
Do que era pura nos primeiros dias,⁷⁷
140 Porque⁷⁸ não soube em tantas agonias
Abençoar a minha desventura;

Se a blasfêmia os meus lábios poluíra,
Quando, depois de⁷⁹ tempo e do cansaço,
Beije a terra no mortal abraço
145 E espedacei desanimado⁸⁰ a lira;

Podes, visão formosa e peregrina,
No amor profundo, na existência calma,
Desse passado resgatar minh'alma
E levantar-me aos olhos teus, – Corina!⁸¹

⁷² nasceu...] nasceu.... – em CM. A beleza “que das escumas nasceu” é Vênus. Ver verso n. 203.

⁷³ visão] visão, – em CM, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL e em OCA2015.

⁷⁴ Em CM, entre esta estrofe e a seguinte há três asteriscos, dispostos em forma de triângulo (**).

⁷⁵ Mas] Mas, – em CM.

⁷⁶ Ver nota 44.

⁷⁷ dias,] dias. – em PC1937.

⁷⁸ Porque] Por que – em OCA1959 e em OCA1994.

⁷⁹ de] do – em CM e em CRIS1864.

⁸⁰ desanimado] desesperado – em CM.

⁸¹ teus, – Corina!] teus. – Corina! – em PC1937. Em CM, ao pé dos versos vêm (no lugar da indicação de autoria) dois asteriscos: “**” (sob o ponto de exclamação); e, na linha abaixo, à esquerda: “Rio de Janeiro.”

III⁸²

150 Quando voarem minhas esperanças⁸³
Como um bando de pombas fugitivas;
E destas⁸⁴ ilusões doces e vivas
Só me restarem pálidas lembranças;

E abandonar-me a minha mãe Quimera,
155 Que me aleitou aos seios abundantes;
E vierem as nuvens flamejantes
Encher o céu da minha primavera;

E raiar para mim um triste dia,
Em que, por completar minha tristeza,
160 Nem possa ver-te, musa da beleza,⁸⁵
Nem possa ouvir-te, musa da harmonia;

Quando assim seja, por teus olhos juro,
Voto minh'alma à escura⁸⁶ soledade,
Sem procurar melhor felicidade,
165 E sem ambicionar prazer mais puro,⁸⁷

Como o viajor⁸⁸ que, da falaz miragem⁸⁹
Volta desenganado ao lar tranquilo,⁹⁰
E procura, naquele último asilo,
Nem evocar memórias da viagem;⁹¹

⁸² Esta parte III, antes das edições em livro, apareceu em CM (p. 2, 2 abr. 1864), na seção “Variedades.”, sob o título “VERSOS A CORINA.” (sem indicação numérica da parte e sem epígrafe). Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “Se tu pudesses viver um dia na mi- / nh'alma.... feliz criatura, tu saberias / o que é sofrer! // Mickiewicz. – *Sonetos da Crimeia*.” O nome do poeta vem grafado “Miçkiewicz”. Ver nota n. 2 ao poema “Polônia”.

⁸³ esperanças] esperanças, – em CM e em CRIS1864.

⁸⁴ destas] dessas – em OCA2015.

⁸⁵ beleza,] beleza. – em PC1901 (erro tipográfico), em PCRR e em OCA2015.

⁸⁶ à escura] à escusa – em CM; é escura – em PC1937.

⁸⁷ puro,] puro. – em CM, em CRIS1864, em PCEC1976 e em TPCL.

⁸⁸ viajor] viajor, – em CM.

⁸⁹ miragem] miragem, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

⁹⁰ tranquilo,] tranquilo – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

⁹¹ viagem;] viagem, – em PC1937 e em PC1953.

- 170 Envolvido em mim mesmo, olhos cerrados
 A tudo mais, – a minha fantasia⁹²
 As asas colherá com que algum dia
 Quis alcançar os cimos elevados.
- 175 És⁹³ tu a maior glória de minha alma,⁹⁴
 Se o meu amor profundo não te alcança,
 De que me servirá outra esperança?
 Que glória tirarei de alheia palma?⁹⁵

⁹² mais, – a minha fantasia] mais, a minha fantasia – em CM.

⁹³ És] Es – em PC1901 (erro tipográfico).

⁹⁴ alma,] alma; – em CM.

⁹⁵ Em CM e em CRIS1864, depois deste verso, vem o restante da parte III (suprimido pelo poeta na edição das *Poesias completas*, em 1901), antecedido por três asteriscos dispostos em forma triangular (* * *), composto por 22 versos alexandrinos rimados aos pares e uma quadra final em versos decassílabos, com esquema de rimas abba. A quadra final também vem separada dos alexandrinos por três asteriscos dispostos em forma triangular (* * *). Em CM, abaixo dos versos vêm, no lugar do nome do autor, dois asteriscos: “* *”. Este último verso parece não fazer sentido, pela referência à “alheia palma” (que fica, digamos, “obscura”), sem os versos suprimidos do poema. Esses versos encontram-se editados no v. 3, n. 5 da *Machadiana Eletrônica*, às páginas 53 (seção Textos Apurados) e 127-130 (seção Textos com Aparato Editorial). O texto estabelecido do fragmento suprimido é o seguinte: “Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, / É esta que nos orna a poesia da história; / É a glória do céu, é a glória do amor. / É Tasso eternizando a princesa Leonor; / É Lídia ornando a lira ao venusino Horácio; / É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio, / Seguindo além da vida as viagens do Dante; / É do cantor do Gama o hino triste e amante / Levando à eternidade o amor de Catarina; / É o amor que une Ovídio à formosa Corina; / O de Cíntia a Propércio, o de Lésbia a Catulo; / O da divina Délia ao divino Tibulo. / Esta a glória que fica, eleva, honra e consola; / Outra não há melhor. | Se faltar esta esmola, / Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão, / Com que se alenta e vive o amante coração, / Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranquilo, / Nenhuma glória mais há de nunca atraí-lo. / Irá longe do mundo e dos seus vãos prazeres, / Viver na solidão a vida de outros seres, / Vegetar como o arbusto, e murchar, como a flor, / Como um corpo sem alma ou alma sem amor. / * * / Ah! faze que estas ilusões tão vivas / Nunca se tornem pálidas lembranças; / E nem voem as minhas esperanças / Como um bando de pombas fugitivas!” Em PC1953, há, neste ponto, uma nota assinalada, ao final do verso e no rodapé, por asterisco entre parênteses, que diz o seguinte: “Ver nota no fim das *Crisálidas*.”; nas páginas 103-104 vem a nota, com o trecho suprimido pelo poeta (incompleto, falta-lhe a quadra decassilábica final). Em OCA1959, os versos faltantes, incompletos (falta a quadra decassilábica final), vêm na página 219 do volume III (sem que haja remissão a eles neste ponto dos “Versos a Corina”). Em PCEC1976, o trecho suprimido (sem a divisão em estrofes) pelo poeta vem no rodapé da mesma página em que está este verso. Em OCA1994, o trecho suprimido, incompleto (sem a quadra decassilábica final), vem na página 206 do volume III (sem que haja remissão a ele neste ponto dos “Versos a Corina”). Em PCRR, os versos suprimidos pelo poeta vêm no rodapé da página em que vem este verso, com a devida divisão em estrofes. Em OCA2015, esses mesmos versos, sem a quadra decassilábica final, vêm na p. 627 do volume 3 (sem que haja remissão a eles neste ponto dos “Versos a Corina”).

IV⁹⁶

Tu que és bela e feliz, tu que tens⁹⁷ por diadema
A dupla irradiação da beleza e do amor;
180 E sabes reunir, como o melhor poema,
Um desejo da terra e um toque do Senhor;⁹⁸

Tu que, como a ilusão, entre névoas⁹⁹ deslizas
Aos versos do poeta um desvelado olhar,
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,
185 Do poeta e da luz, das selvas e do mar.

AS BRISAS

Deu-nos a harpa eólia a excelsa melodia
Que a folhagem desperta e torna alegre a flor,¹⁰⁰
Mas que vale esta voz,¹⁰¹ ó musa da harmonia,
Ao pé da tua voz, filha da harpa do amor?
190 Diz-nos tu como houveste as notas do teu canto?
Que alma de serafim volteia aos lábios teus?¹⁰² →

⁹⁶ Esta parte IV, antes das edições em livro, apareceu em DRJ (ano XLIV, n. 104, p. 3, 16 abr. 1864), sob o título “Versos a Corina.” (sem indicação numérica da parte e sem epígrafe). Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “Ne vois-tu pas? / A. M.” O nome do autor da epígrafe não está identificado. Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso, que estudou as epígrafes na poesia de Machado de Assis, aventou diversas possibilidades. Depois de lê-la, nossa intuição tende a ver nessa epígrafe uma reminiscência de Alfred de Musset, autor dileto de Machado de Assis. (Cf. MIASSO, 2017, p. 186-188) As palavras da epígrafe aparecem, por exemplo, no poema “La nuit d’octobre”, nos seguintes versos: “ Ne vois-tu pas alors, aux rayons de la lune, / Plier comme autrefois un beau corps dans tes bras?” (MUSSET, 1923, p. 156). Machado de Assis possuía um volume das *Poésies nouvelles* (edição de 1867) em sua biblioteca – edição posterior à publicação de *Crisálidas*.

⁹⁷ tens] teus – em PC1901 (corrigido na errata).

⁹⁸ Em DRJ e em CRIS1864, entre esta estrofe e a seguinte, há esta outra: “Tu, criação feliz de um dia de pureza, / Em que a terra não teve um só pecado, irmã / Das visões que sonhou no culto da beleza / A musa de Petrarca e o pincel de Rembrandt;”. Em DRJ não há a vírgula ao final do primeiro verso, e em CRIS1864 Rembrandt vem grafado Rembrant.

⁹⁹ névoas] névoas, – em DRJ.

¹⁰⁰ flor,] flor; – em DRJ.

¹⁰¹ esta voz,] essa voz, – em PCRR e em OCA2015. .

¹⁰² Que alma de serafim volteia aos lábios teus? – Que alma de serafim volteia aos lábios teus? (com travessão no início) – em PCEC1976 e em TPCL.

Donde houveste o segredo e o poderoso encanto
Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?¹⁰³

A LUZ

195 Eu sou a luz fecunda, alma da natureza;¹⁰⁴
Sou o vivo alimento à viva criação.
Deus lançou-me no espaço. A minha realeza
Vai até onde vai meu vívido clarão.

200 Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,¹⁰⁵
Que sou eu ante a luz dos teus olhos? Melhor,
A tua é mais do céu, mais doce, mais profunda,¹⁰⁶
Se a vida vem de mim, tu dás a vida e o amor.

AS ÁGUAS

205 Do nume da beleza o berço celebrado
Foi o mar;¹⁰⁷ Vênus bela entre espumas nasceu.
Veio a idade de ferro,¹⁰⁸ e o nume venerado
Do venerado altar baqueou: – pereceu.

Mas a beleza és tu. Como Vênus marinha,¹⁰⁹
Tens a inefável graça e o inefável ardor.¹¹⁰
Se paras, és um nume; andas, uma rainha,¹¹¹
E se quebras um olhar, és tudo isso e és amor!¹¹²

210 Chamam-te as águas, vem! tu irás sobre a vaga¹¹³
A vaga, a tua mãe, que te abre os seios nus,¹¹⁴ →

¹⁰³ Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?] Que abre os ouvidos mortais a harmonia dos céus? – em PC1937; Que abre ouvidos mortais à harmonia dos céus? – em PC1953.

¹⁰⁴ natureza;] natureza: – em DRJ.

¹⁰⁵ Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,] Mas se derramo vida a Cibele fecunda – em DRJ; Mas se derramo vida a Cibele fecunda, – em CRIS1864; Mas, se derramo vida à Cibele fecunda, – em PC1937.

¹⁰⁶ profunda,] profunda: – em DRJ; profunda. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁰⁷ mar;] mar. – em DRJ e em CRIS1864.

¹⁰⁸ de ferro,] de ferro – em DRJ; do ferro, – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁰⁹ Vênus marinha,] Vênus marinha. – em OCA1959.

¹¹⁰ ardor.] ardor – em OCA1959 (com defeito de impressão no exemplar consultado).

¹¹¹ rainha,] rainha; – em DRJ; rainha. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹² amor!] amor – em PC1901 (erro tipográfico); amor. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. Seguimos a lição de CRIS1864.

¹¹³ vaga] vaga, – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL; vaga. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹⁴ nus,] nus. – em OCA1959.

Buscar adorações de uma plaga a outra plaga,¹¹⁵
E das regiões da névoa às regiões da luz!

AS SELVAS

Um silêncio de morte entrou no seio às selvas.¹¹⁶
215 Já não pisa Diana este sagrado chão;
Nem já vem repousar no leito destas relvas¹¹⁷
Aguardando saudosa o amor e Endimião.¹¹⁸

Da grande caçadora a um solícito aceno
Já não vem, não acode o grupo jovial;
220 Nem o eco repete a flauta de Sileno,¹¹⁹
Após o grande ruído¹²⁰ a mudez sepulcral.

Mas Diana aparece. A floresta palpita,
Uma seiva melhor circula mais veloz;¹²¹
É vida que renasce, é vida que se agita;¹²²
225 À luz¹²³ do teu olhar, ao som da tua voz!¹²⁴

O POETA

Também eu, sonhador, que vi correr meus dias
Na solene mudez¹²⁵ da grande solidão,
E soltei, enterrando as minhas utopias,
O último suspiro e a última oração;
230 Também eu junto a voz à voz da natureza,¹²⁶
E soltando o meu hino¹²⁷ ardente e triunfal,
Beijarei ajoelhado as plantas da beleza¹²⁸
E banharei minh'alma em tua luz, – Ideal!

¹¹⁵ plaga,] plaga. – em OCA1959 e em OCA1994.

¹¹⁶ selvas.] selvas; – em DRJ; selvas, – em PCEC1976 e em TPCL.

¹¹⁷ relvas] relvas, – em DRJ.

¹¹⁸ e Endimião.] de Endimião. – em PCEC1976, em TPCL e em OCA2015.

¹¹⁹ Sileno,] Sileno; – em DRJ.

¹²⁰ ruído] ruído, – em DRJ.

¹²¹ veloz;] veloz: – em DRJ.

¹²² agita;] agita, – em DRJ.

¹²³ À luz] A luz – em PC1901(erro tipográfico) e em PC1937.

¹²⁴ da tua voz!] de tua voz! – em DRJ.

¹²⁵ mudez] mudes – em TPCL.

¹²⁶ Também eu junto a voz à voz da natureza,] Também eu junto à voz da natureza, – em OCA1994.

¹²⁷ E soltando o meu hino] E, soltando meu hino – em DRJ.

¹²⁸ beleza] beleza, – em DRJ, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

235 Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas
Tua alma de mulher deve de palpar;
Mas que te não seduza o cântico das águas,
Não procures, Corina, o caminho do mar!¹²⁹

¹²⁹ Em DRJ, abaixo dos versos vem a data “9 de Abril.”, e, uma linha abaixo, vêm, no lugar do nome do autor, dois asteriscos: “* *”.

V¹³⁰

240 Guarda estes versos que escrevi chorando¹³¹
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,¹³²
Beija estes versos que escrevi chorando.

245 Único¹³³ em meio das paixões vulgares,
Fui¹³⁴ a teus pés queimar minh'alma ansiosa,
Como se queima o óleo¹³⁵ ante os altares;
Tive a paixão indômita e ferosa,
Única¹³⁶ em meio das paixões vulgares.

250 Cheio de amor,¹³⁷ vazio de esperança,
Dei para ti os meus primeiros passos;
Minha ilusão fez-me, talvez, criança;¹³⁸
E eu pretendi dormir aos teus abraços,
Cheio de amor, vazio de esperança.¹³⁹

¹³⁰ Esta parte V, antes das edições em livro, apareceu em DRJ (ano XLIV, n. 109, p. 2, 21 abr. 1864), sob o título “Versos a Corina.”, na seção “VARIÉDADE.” (sem indicação numérica da parte), com a seguinte epígrafe: “Povero mio cuore! Ecco una se- / parazione di piú nella mia sciagurata vita. // (SILVIO PELLICO).” (“cuore” vem grafado “core”) Em CRIS1864, entre o número e o primeiro verso, vem a epígrafe: “Povero mio cuore! Ecco una separazione / di piú nella mia sciagurata vita! // SILVIO PELLICO.” (“cuore” vem grafado “core”; e “sciagurata”, “scigurata”). Adotamos a grafia da obra italiana consultada. Machado de Assis parece ter combinado duas passagens da obra *Le mie prigione*, de Silvio Pellico: “Povero mio cuore!” – que vem no início do capítulo IX – e “Ecco una separazione di piú nella mia sciagurata vita.” – que vem no terceiro parágrafo do capítulo XVIII. (PELLICO, 1860, p. 6 e p. 11)

¹³¹ chorando] chorando, – em DRJ, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

¹³² saudade,] saudade – em DRJ.

¹³³ Único] Único, – em DRJ.

¹³⁴ Fui] Quis – em DRJ.

¹³⁵ o óleo] um óleo – em DRJ.

¹³⁶ Única] Único, – em DRJ.

¹³⁷ Cheio de amor,] Cheio de Deus, – em DRJ.

¹³⁸ Minha ilusão fez-me, talvez, criança;] O meu amor fez-me, talvez, criança; – em DRJ; Minha ilusão fez-me, talvez criança; – em PC1937.

¹³⁹ Cheio de amor, vazio de esperança.] Cheio de Deus, vazio de esperança. – em DRJ; Cheio de amor, vazio de esperança, – em PC1937.

- Refugiado à sombra do mistério¹⁴⁰
Pude cantar meu hino doloroso;
255 E o mundo ouviu o som doce ou funéreo¹⁴¹
Sem conhecer o coração ansioso¹⁴²
Refugiado à sombra do mistério.
- Mas eu que posso contra a sorte esquiva?
Vejo que em teus olhares de princesa
260 Transluz uma alma ardente e compassiva¹⁴³
Capaz de reanimar minha incerteza;
Mas eu que posso contra a sorte esquiva?
- Como um réu indefeso e abandonado,
Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;
265 E se a perseguição me tem cansado,¹⁴⁴
Embora, escutarei o teu aresto,¹⁴⁵
Como um réu indefeso e abandonado.¹⁴⁶
- Embora fujas aos meus olhos tristes,
Minh'alma irá saudosa, enamorada,
270 Acercar-se de ti¹⁴⁷ lá onde existes;
Ouvirás minha lira apaixonada,
Embora fujas aos meus olhos tristes.¹⁴⁸
- Talvez um dia meu amor se extinga,
Como fogo de Vesta mal cuidado¹⁴⁹
275 Que sem o zelo da Vestal¹⁵⁰ não vinga; →

¹⁴⁰ mistério] mistério, – em DRJ.

¹⁴¹ funéreo] funéreo, – em DRJ.

¹⁴² ansioso] ansioso, – em DRJ.

¹⁴³ Transluz uma alma ardente e compassiva] Transluz uma alma ardente e compassiva, – em DRJ; Tranluz uma alma ardente e compassiva – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁴⁴ E se a perseguição me tem cansado,] E, se a perseguição me tem cansado, – em DRJ; E se a perseguição me tem cansado. – em PC1901 (erro tipográfico).

¹⁴⁵ aresto,] aresto – em CRIS1864.

¹⁴⁶ abandonado.] abandonado, – em OCA1959e em OCA1994.

¹⁴⁷ de ti] de ti, – em DRJ.

¹⁴⁸ tristes.] tristes, – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁴⁹ Como fogo de Vesta mal cuidado] Como fogo de Vesta mal cuidado, – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL; Como fogo de Vesta malcuidado – em PCRR e em OCA2015. O VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa registra o adjetivo “malcuidado”. Este verso impõe uma reflexão sobre a atualização ortográfica da expressão “mal cuidado”. Na condição de adjetivo, “malcuidado” se junta a “fogo”, restringindo-lhe a significação, aplicando-lhe uma noção que tem um quê de estático, e, ainda que transitória, com certa duração (sem alteração ou modificação notável). O advérbio “mal”, vinculado ao particípio “cuidado”, preserva algo do aspecto verbal, seu componente dinâmico (neste caso, frequentativo) – faz lembrar a faina incessante necessária à manutenção do fogo no templo. Esta segunda noção parece-nos a mais adequada ao sentido do verso.

¹⁵⁰ Vestal] vestal – em DRJ.

Na ausência e no silêncio condenado¹⁵¹
Talvez um dia meu amor se extinga.¹⁵²

Então não busques reavivar a chama,¹⁵³
Evoca apenas a lembrança casta
280 Do fundo amor daquele que não ama;
Esta consolação apenas basta;¹⁵⁴
Então não busques reavivar a chama.¹⁵⁵

Guarda estes versos que escrevi chorando,¹⁵⁶
Como um alívio à minha soledade,
285 Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.¹⁵⁷

¹⁵¹ condenado] condenado, – em DRJ.

¹⁵² extinga.] extinga, – em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁵³ Então não busques reavivar a chama.] Então, não busques reavivar a chama. – em DRJ; Então não busques reavivar a chama; – em CRIS1864, em PCEC1976 e em TPCL; Então não busques reavivar a chama. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994.

¹⁵⁴ Esta consolação apenas basta;] Essa consolação apenas basta. – em DRJ.

¹⁵⁵ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁵⁶ chorando,] chorando – em DRJ e em CRIS1864.

¹⁵⁷ Em DRJ, abaixo dos versos vem o nome do autor: “MACHADO DE ASSIS.”

VI¹⁵⁸

Em vão! Contrário a amor é nada¹⁵⁹ o esforço humano;
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.¹⁶⁰
290 Solta do chão, abrindo as asas luminosas,¹⁶¹
Minh'alma se ergue e voa às regiões venturosas,
Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina,¹⁶²
Reveste a natureza a púrpura divina!

Lá, como quando volta a primavera em flor,
295 Tudo sorri de luz, tudo sorri de amor;
Ao influxo celeste e doce da beleza,¹⁶³
Pulsa, canta, irradia e vive a natureza;
Mais lânguida e mais bela,¹⁶⁴ a tarde pensativa →

¹⁵⁸ Em CRIS1864, entre o algarismo (indicador numérico da parte) e o primeiro verso, vem esta epígrafe: “O amor tem asas, mas ele também / pode dá-las. // HOMERO.” Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso não localizou a fonte da epígrafe (MIASSO, 2017, p. 200-201); tampouco nós o conseguimos. Embora o autor afirme que esta sexta parte do poema era inédita (ver nota não numerada, assinalada por asterisco, ao título do poema, nesta edição), na verdade ela havia sido publicada. Não consultamos a publicação feita no Porto (por desconhecida) nem a do *Diário Oficial* de 18 de setembro de 1864 (que não localizamos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional). Sobre esta última publicação, diz J. Galante de Sousa: “(*Diário Oficial*, Rio, 18-9-1864, inserta na *Correspondência sobre novidades úteis*, trabalho assinado por Júlio de Castilho, e datado de 10-8-1864). Está datada de: *Rio de Janeiro, junho de 1864*. Diz o correspondente que esses versos foram inéditos para Portugal e que uma folha do Porto os publicou; julga útil transcrevê-los, pois devem ser desconhecidos no Brasil.” (GALANTE, 1955, p. 383) A “Introdução crítico-filológica de PCEC1976 (p. 64) informa não ter sido possível identificar e consultar o jornal do Porto em que esta parte do poema foi publicada. Em PCEC1976 (p. 64), vem transcrita esta epígrafe, que acompanhava esta parte do poema no *Diário Oficial*: “VERSOS A CORINA / Se tu pudesses viver um dia na minh'alma... um dia inteiro... não... não te desejo esse tormento... mas, uma hora só... feliz criatura, então, sim, tu saberias o que é sofrer! / *Mickiewicz*.” O editor-crítico anota que, com algumas elisões, esta é a mesma epígrafe da parte III, em CRIS1864. Entenda-se: é na epígrafe da parte III que há “elisões”.

¹⁵⁹ a amor é nada] a amor é nulo – em CRIS1864; o amor é nada – em PC1937.

¹⁶⁰ É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.] É nulo o vasto espaço, é nulo o vasto oceano. – em CRIS1864.

¹⁶¹ luminosas,] luminosas. – em PC1901 (erro tipográfico), em PC1937, em PCRR e em OCA2015.

¹⁶² Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina,] Onde, ao teu brando olhar, ó formosa Corina, – em PCEC e TPCL. Em OCA1994, depois deste verso, há espaço de separação de estrofes, de modo que o último verso desta estrofe foi incorporado à seguinte.

¹⁶³ beleza,] beleza. – em PC1937.

¹⁶⁴ bela,] bela – em CRIS1864.

- Desce do monte ao vale; e a viração lasciva
300 Vai despertar à noite a melodia estranha
Que falam entre si os olmos da montanha;
A flor tem mais perfume e a noite mais poesia;
O mar tem novos sons e mais viva ardentia;
A onda enamorada arfa e beija as areias,
305 Novo sangue circula, ó terra, em tuas veias!
- O esplendor da beleza é¹⁶⁵ raio criador:
Derrama a tudo a luz, derrama a tudo o amor.¹⁶⁶
- Mas vê. Se o que te cerca é uma festa de vida,
Eu, tão longe de ti, sinto a dor mal sofrida¹⁶⁷
310 Da saudade que punge e do amor que lacera¹⁶⁸
E palpita e soluça e sangra e desespera.
Sinto em torno de mim a muda natureza
Respirando, como eu, a saudade e a tristeza;¹⁶⁹
A saudade do bem e a tristeza do mal;
315 Tristeza sem irmã, saudade sem igual.¹⁷⁰
É deste ermo que eu vou, alma desventurada,
Murmurar junto a ti a estrofe imaculada
Do amor que não perdeu, coa última esperança¹⁷¹
Nem o intenso fervor, nem a intensa lembrança.
- 320 Sabes se te eu amei, sabes se te amo ainda,
Do meu sombrio céu alva¹⁷² estrela bem-vinda!¹⁷³
Como divaga a abelha inquieta e sequiosa
Do cálice do lírio ao cálice da rosa,
Divaguei de alma em alma em busca deste amor;
325 Gota de mel divino, era divina a flor
Que o devia conter. Eras tu.
- No delírio
De te amar – olvidei as lutas e o martírio; →

¹⁶⁵ é] e – em PC1937.

¹⁶⁶ Em PC1901, este verso vem ao pé da página; em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em OCA1994, não há espaço de separação de estrofes entre ele e o verso seguinte. Seguimos CRIS1864, em que há separação das estrofes.

¹⁶⁷ Aplicam-se a este caso (que tem duas possibilidades gráficas: “malsofrida” e “mal sofrida”) as reflexões feitas na nota 147. A grafia “mal sofrida” preserva e destaca o aspecto durativo do verbo “sofrer”.

¹⁶⁸ lacera] lacera, – em CRIS1864, em PCRR e em OCA2015.

¹⁶⁹ Em PC1901, em PC1937, em PC1953 em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994, em TPCL, em PCRR e em OCA2015 faltam os dois versos seguintes (n. 314 e n. 315 nesta edição), que vêm em CRIS1864 (ao pé da página); queremos crer que houve falha na edição de 1901 – razão pela qual os restauramos.

¹⁷⁰ Em CRIS1864, os quatro versos seguintes vêm em alto de página. Há dúvida, portanto, quanto à possibilidade de divisão de estrofes neste ponto.

¹⁷¹ esperança] esperança, – em CRIS1864, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹⁷² alva] alma – em OCA1994.

¹⁷³ bem-vinda!] benvinda! – em PCEC1976.

Eras tu. Eu só quis, numa ventura calma,
Sentir e ver o amor através de uma alma;
330 De outras belezas vãs não valeu o esplendor,
A beleza eras tu: – tinhas a alma e o amor.¹⁷⁴

Pelicano do amor, dilacerei meu peito,
E com meu próprio sangue os filhos meus¹⁷⁵ aleito;
Meus filhos:¹⁷⁶ o desejo, a quimera, a esperança;
335 Por eles reparti minh'alma. Na provança
Ele¹⁷⁷ não fraqueou, antes surgiu mais forte;
É que¹⁷⁸ eu pus neste amor, neste último transporte,¹⁷⁹
Tudo o que vivifica a minha juventude:
O culto da verdade e o culto da virtude,
340 A vênua do passado e a ambição do futuro,
O que há de grande e belo, o que há de nobre e puro.

Deste profundo amor, doce e amada Corina,
Acorda-te a lembrança um eco de aflição?
Minh'alma pena e chora à dor que a desatina:
345 Sente tua alma¹⁸⁰ acaso a mesma comoção?

Em vão! Contrário a amor é nada¹⁸¹ o esforço humano,
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!¹⁸²

Vou, sequioso espírito,
Cobrando novo alento,
350 N'asa veloz do vento
Correr de mar em¹⁸³ mar;
Posso, fugindo ao cárcere,
Que à terra me tem preso,
Em novo ardor aceso,
355 Voar, voar, voar!

Então, se à hora lânguida
Da tarde que declina, →

¹⁷⁴ Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso não há espaço de separação de estrofes.

¹⁷⁵ meus] meu – em TPCL.

¹⁷⁶ Meus filhos:] Meus filhos; – em PC1937.

¹⁷⁷ Ele] Ela – em CRIS1864. O pronome pode referir-se a “alma” (que é substantivo feminino), mas pode, também, referir-se a “peito” (masculino). Seguimos a lição do texto-base.

¹⁷⁸ É que] Porque – em PC1937 e em PC1953.

¹⁷⁹ transporte,] transporte – em CRIS1864; transporte. – em PC1901 (erro tipográfico).

¹⁸⁰ tua alma] tu'alma – em CRIS1864.

¹⁸¹ nada] nulo – em CRIS1864.

¹⁸² É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!] É nulo o vasto espaço, é nulo o vasto oceano! – em CRIS1864.

¹⁸³ em] en – em PC1901 (erro tipográfico).

- 360 Do arbusto da colina
Beijando a folha e a flor,
A brisa melancólica
Levar-te entre perfumes
Uns tímidos queixumes
Ecos de mágoa e dor;
- 365 Então, se o arroio tímido
Que passa e que murmura¹⁸⁴
À sombra da espessura
Dos verdes salgueirais,¹⁸⁵
Mandar-te entre os murmúrios
Que solta nos seus giros,
370 Uns como que suspiros
De amor,¹⁸⁶ uns ternos ais;
- 375 Então, se no silêncio
Da noite adormecida,
Sentires – mal dormida –¹⁸⁷
Em sonho ou em visão,
Um beijo em tuas pálpebras,
Um nome aos teus ouvidos,
E ao som de uns ais partidos
Pulsar teu coração;
- 380 Da mágoa que consome
O meu amor venceu;
Não tremas: – é teu nome,
Não fujas – que sou eu! –¹⁸⁸

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

BP – *Brasil-Portugal*.

CM – *Correio Mercantil*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

¹⁸⁴ Que passa e que murmura] Que arrasta-se e murmura – em CRIS1864.

¹⁸⁵ salgueirais,] salgueirais. – em PC1901 (erro tipográfico) e em PCRR.

¹⁸⁶ De amor,] D’amor, – em CRIS1864.

¹⁸⁷ – mal dormida –] – mal dormida (sem o travessão ao final do verso) – em PCEC1976 e em TPCL. Como nos casos de “mal cuidado” (nota 147) e “mal sofrida” (nota 165), em nosso entendimento se a expressão for entendida como adjetiva (neste caso deveria ser grafada “maldormida”) só se aplicaria após a noite em que se não dormiu bem. Nestes versos, a noite ainda não terminou – o processo de “mal dormir” encontra-se em andamento (o que só uma forma verbal expressaria com adequação).

¹⁸⁸ Não fujas – que sou eu! –] Não fujas – que sou eu! (sem o travessão final) – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL. Em CRIS1864, abaixo dos versos, vêm estas palavras: “FIM DOS VERSOS A CORINA.”

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *Vita Nuova*. Livorno: Paolo Vannini, 1843.
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 2, 21 mar. 1864. [parte I do poema]
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 mar. 1864. [parte II do poema]
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 abr. 1864. [parte III do poema]
- [ASSIS, Machado de.] Versos a Corina. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 104, p. 3, 16 abr. 1864. [parte IV do poema]
- ASSIS, Machado de. Versos a Corina. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 109, p. 2, 21 abr. 1864. [parte V do poema]
- ASSIS, Machado de. Versos a Corina. *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, Lisboa, v. V, p. 256-258, ago. 1864. [parte I do poema] Disponível em: <<https://rb.gy/rxfhkd>>.
- ASSIS, Machado de. Versos a Corina. *Brasil-Portugal*, Lisboa, n. 46, p. 346, 16 dez. 1900. [parte I do poema] Disponível em: <<https://rb.gy/hnorlk>>.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

ASSIS, Machado de. [Notas de leitura]. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 7, p. 35-42 e p. 79-103, jan.-jun. 2001.

BRIZEUX, Auguste. *Œuvres complètes*. Précédés d'une notice par Saint-René Taillandier. Tome second. Paris: Michel Lévy Frères, 1860.

HOUSSAYE, Arsène. Le cantique des cantiques. In: *Poésies complètes*. Nouvelle édition diminuée et augmentée. Paris: Victor Lecou, 1852. p. 10-35.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, ano VI, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun. 1961.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

MUSSET, Alfred de. *Poésies nouvelles 1833-1852*: Rolla – Les nuits – Contes en vers. Paris: Louis Conard, 1923.

PELLICO, Silvio. *Opere complete di Silvio Pellico*. Volume unico. Napoli: Fr^o Rossi Romano, 1860.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Terceira edição comemorativa do centenário do nascimento do autor. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

ÚLTIMA FOLHA *

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste¹ o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia.

5 Dos teus cabelos de ouro, que beijavam
Na amena tarde as virações perdidas,
Deixa² cair ao chão as alvas rosas
E as alvas margaridas.

10 Vês? Não é noite, não, este ar sombrio
Que nos esconde o céu. Inda no poente³
Não quebra os raios pálidos e frios
O sol resplandecente.

15 Vês? Lá ao fundo o vale árido e seco
Abre-se, como um leito mortuário;
Espera-te o silêncio da planície,
Como um frio sudário.

20 Desce. Virá um dia em que mais bela,
Mais alegre, mais cheia de harmonias,
Voltes a procurar a voz cadente
Dos teus primeiros dias.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CRIS1864 (p. 155-158), PC1901 (p. 50-52), PC1937 (p. 52-54), PC1953 (p. 52-54), OCA1959 (v. III, p. 33-34), PCEC1976 (p. 172-173), OCA1994 (v. III, p. 37-38), TPCL (p. 85-87), PCRR (p. 63-65) e OCA2015 (v. 3, p. 408-409). Texto-base: PC1901. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em CRIS1864, o poema traz esta epígrafe: “Tout passe, / Tout fuit. / V. HUGO.” Em TPCL, a epígrafe vem em itálico. Os versos são do poema “Les Djinnns”, de *Les orientales*, de Victor Hugo (1802-1885). (HUGO, 1829, p. 259-269)

¹ aspiraste] aspirante – em PCRR.

² Deixa] Deixar – em PCRR e em OCA2015.

³ no poente] na poente – em PC1901 (corrigido na errata).

Então coroarás a ingênua fronte
Das flores da manhã, – e ao monte agreste,
Como a noiva fantástica dos ermos,
Irás, musa celeste!

25 Então, nas horas solenes
 Em que o místico himeneu
 Une em abraço divino
 Verde a terra, azul o céu;⁴

30 Quando, já finda a tormenta
 Que a natureza enlutou,
 Bafeja a brisa suave
 Cedros que vento abalou;⁵

35 E o rio, a árvore e o campo,
 A areia, a face do mar,
 Parecem, como um concerto,
 Palpitar, sorrir, orar;

40 Então⁶ sim, alma de poeta,
 Nos teus sonhos cantarás
 A glória da natureza,⁷
 A ventura, o amor e a paz!⁸

Ah! mas então será mais alto ainda;
 Lá onde a alma do vate⁹
 Possa escutar os anjos,
E onde não chegue o vão rumor dos homens;

45 Lá onde, abrindo as asas ambiciosas,¹⁰
 Possa adejar no espaço luminoso,
 Viver de luz mais viva e de ar mais puro,
 Fartar-se do infinito!

⁴ céu;] céu: – em PC1937.

⁵ abalou;] abalou: – em PC1937.

⁶ Então] Então, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

⁷ natureza,] natureza – em OCA1994.

⁸ a paz!] o paz! – em PC1901 (erro tipográfico).

⁹ Em PC1901, a partir deste verso, os hexassílabos vêm, alinhados aos da sequência de heptassílabos que antecedem esta estrofe; optamos por dar-lhes o mesmo alinhamento dos hexassílabos das primeiras quadras do poema. Não registramos esse detalhe nas outras edições.

¹⁰ ambiciosas,] ambiciosas. – em PC1901 (erro tipográfico).

50 Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia!¹¹

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹¹ harmonia!] harmonia. – em PC1937, em PC1953, em OCA1959 e em OCA1994. Em CRIS1864, abaixo do último verso vem a palavra “FIM.”; em OCA1959, “FIM DE ‘CRISÁLIDAS’”; em OCA1994, “FIM / DE ‘CRISÁLIDAS’”.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

HUGO, Victor. *Les orientales*. 5.^{ème} édition. Paris: Charles Gosselin, 1829.

ÍNDICES

ÍNDICES (atualizados até v. 6, n. 12)

TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A lanterna de Diógenes – v. 6, n. 11, p. 23 e p. 93.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A reforma pelo jornal – v. 6, n. 11, p. 55 e p. 141.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.

- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.

- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Aquarelas I. Os fanqueiros literários – v. 6, n. 11, p. 35 e p. 109.
- Aquarelas II. O parasita – v. 6, n. 11, p. 39 e p. 115.
- Aquarelas II. O parasita (continuação) – v. 6, n. 11, p. 43 e p. 121.
- Aquarelas III. O empregado público aposentado – v. 6, n. 11, p. 47 e p. 129.
- Aquarelas IV. O folhetinista – v. 6, n. 11, p. 51 e p. 135.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.

- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Elegia – v. 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Epitáfio do México – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Erro – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Horas vivas – v. 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Ideal do crítico – v. 6, n. 11, p. 77 e p. 201.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa consolatrix – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- [Notas de leitura (segunda parte)] – v. 6, n. 11, p. 69 e p. 175.
- Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade – v. 6, n. 11, p. 59 e p. 145.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45.
- O jornal e o livro – v. 6, n. 11, p. 27 e p. 97.
- O passado, o presente e o futuro da literatura – v. 6, n. 11, p. 17 e p. 83.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.

- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- Polônia – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Quinze anos – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Sinhá – v. 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Stella – v. 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Última folha – v. 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Versos a Corina – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Visio – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.

POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Como aurora de um dia desejado, – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.

- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Dobra o joelho: é um túmulo. – v 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Era uma pobre criança... – v 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Eras pálida. E os cabelos, – v 6, n. 12, p. 23 e p. 69.
- Erro é teu. Amei-te um dia – v 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Já raro e mais escasso – v 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Musa, desce do alto da montanha – v 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Nem o perfume que expira – v 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- Noite: abrem-se as flores... – v 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Quando, coos tênues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Que a mão do tempo e o hálito dos homens – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.

- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Se, como outrora, nas florestas virgens, – v. 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.

TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.

- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:

- Bouilhet, Louis
 - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Chateaubriand, François-René de
 - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Chénier, André
 - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
 - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
 - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Girardin, Mme. Émile de
 - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Heine, Heinrich
 - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
 - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
 - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
 - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
 - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
 - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.

ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.

- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.

- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.

- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.

- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 10, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.

- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

OUTRAS ARTES:

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

AUTORES:

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
 - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
 - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
 - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Campos, Alex Sander Luiz
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
 - Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
 - Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
 - Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
 - Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
 - Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
 - Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Cei, Vitor
 - A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Cibrão, Ernesto
 - Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- Delfino, Luís
 - O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Gledson, John
 - A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
 - A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
 - A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
 - A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
 - A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
 - A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
 - A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
 - A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
 - A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.

- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.

- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
 - Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Jucá, Gabriela
 - “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
 - Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
 - Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Malard, Letícia
 - Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
 - Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
 - Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
 - Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Melo, M[anuel] de
 - A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Miranda, José Américo
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
 - A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
 - A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
 - A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
 - A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.

- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.

- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
 - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
 - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
 - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Papassoni, João Paulo
 - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
 - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- Pinto, Nilton de Paiva
 - Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
 - Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
 - Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
 - “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Santos, Gilson
 - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
 - Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
 - Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
 - Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.

- Silva, Felipe Lima da
 - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Souza, Rilane Teles de
 - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Souza, Roberto Acízelo de
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Tito, Fábio
 - Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- Roiz, Lopes
 - Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

ABREVIATURAS

ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS

ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.

AL – *Autores e Livros*.

ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.

AM1875 – *Americanas*, 1875.

ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.

BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.

BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.

BP – *Brasil-Portugal*.

CB – *Courrier du Brésil*.

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.

CLBMA – *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, Instituto Moreira Sales, n. 23 e n. 24, jul. 2008

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.

CM – *Correio Mercantil*.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

CP – *Correio Paulistano*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

CRU – *O Cruzeiro*.

CT – *Correio da Tarde*.

DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.

DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.

DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.

DB – *Diário de Belém*.

DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.

DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.

DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.

DN – *Diário de Notícias*.

DP – *Diário de Pernambuco*.

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.

ENTR – *Entreato*.

EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

fól. – fólho.

FUT – *O Futuro*.

GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.

GN – *Gazeta de Notícias*.

GUAR – *O Guarany*.

JC – *Jornal do Commercio*.

JF – *Jornal das Famílias*.

JR – *Jornal do Recife*.

LC – *Luz e calor*, 1871.

LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.

MIRANDA, José Américo. Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.

- MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]
- MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
- MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.
- MAR – *A Marmota*.
- MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
- MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.
- MF – *Marmota Fluminense*.
- MM – *Menina e moça*, 1875.
- MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.
- Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.
- Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.
- MsQA1862 – Manuscrito autógrafo no álbum da atriz Júlia Carlota de Azevedo. (reproduzido em CLBMA)
- NM – *O Novo Mundo*.
- NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.

- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.
- PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
- REF – *A Reforma*.
- REP – *A República*.
- RMSEL – *Revista Mensal da Sociedade Ensaio Literários*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.
- SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.
- SEM – *A Semana*.
- SEMIL – *Semana Ilustrada*.
- SI – *Semana Ilustrada*.
- SL1941 – *Seleta literária*, 1941.
- SM – *Semanário Maranhense*.
- SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.
- TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.
- TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.
- TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.
- TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.
- TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.
- TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.
- VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

ERRATAS

ERRATAS

Errata do v. 1, n. 1.

Na página 70, onde se lê:

Toda poesias de Machado de Assis

leia-se:

Toda poesia de Machado de Assis

Errata do v. 1, n. 2.

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

Errata do v. 2, n. 4.

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 3, n. 5.

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 5, n. 9.

Em numerosas páginas (entre p. 163 e p. 198), nas notas de rodapé, onde se lê

PCEC1972

leia-se:

PCEC1976

Na página 211, nota 92, onde se lê:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 81 e 85, e o artigo (escrito em forma de diálogo) “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).

leia-se:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 85 e 89, e o artigo “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).